



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Luciana Lucena Brasil de Oliveira

**Sobre o que versa a vida: metáforas da criatividade em Freud e  
Winnicott**

Rio de Janeiro

2007

Luciana Lucena Brasil de Oliveira

**Sobre o que versa a vida: metáforas da criatividade em Freud e Winnicott**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Carlos Bezerra Jr.

Rio de Janeiro

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB-C

O48 Oliveira, Luciana L. Brasil de.  
Sobre o que versa a vida: metáforas da criatividade em Freud e  
Winnicott / Luciana L. Brasil de Oliveira. – 2007.  
73 f.

Orientador: Benilton Carlos Bezerra Jr.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Criatividade (Psicologia) – Teses. 2. Psicanálise – Teses. 3. Freud,  
Sigmund, 1856 -1939 – Teses. 4. Winnicott, Donald Woods, 1896 -1971  
– Teses. I. Bezerra Júnior, Benilton. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 613.885

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou  
parcial desta tese, desde que citada da fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luciana Lucena Brasil de Oliveira

**Sobre o que versa a vida: metáforas da criatividade em Freud e Winnicott**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 12 de março de 2007.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Benilton Carlos Bezerra Jr. (Orientador)  
Instituto de Medicina Social - UERJ

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Plastino  
Faculdade de Direito - PUC/RJ

---

Prof. Dr. Jurandir Sebastião Freire Costa  
Instituto de Medicina Social - UERJ

---

Prof. Dr. Octávio Almeida de Souza  
Instituto Fernandes Figueira - FIOCRUZ

Rio de Janeiro

2007

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me fazem nascer todos os dias.  
A Elyr, que coloriu um dia cinzento.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo incentivo e pela confiança incondicionais, e pelas tantas vezes que me deram força quando ela me faltava.

Ao meu irmão, pela admiração e pelo apoio técnico.

A Dinha, pelos mimos e caprichos.

A Bibi e a Ís, pelos risos sem motivo, e pelo silêncio quando “titia quer estudar”.

A Elyr, pelo amor de todas as horas, pela firmeza em me levar “pra frente”, e pela vibração com minhas vitórias.

A Beni, pelo acolhimento, pela aposta em mim, e pela paciência infindável.

A Carlos Ferraz, mestre e amigo, pela seriedade e pela alegria, pelo vigor e pela leveza, que me ajudaram a ter sonhos que se realizam...

A Betânia, a Gabi e a Paco, pelo carinho e pelas reuniões de orientação.

A Reb, a Jú e à saudosa Kallen, pelas fantasias incipientes do mestrado no IMS.

A Cris, Si, Ana, Lê, Quel e Jerlene, pelas farras gastronômicas e por reclamar junto comigo “dessa vida desenraizada no Rio”.

A tio Beto e família, pelo refúgio quando a saudade da “*Sweet Home*” apertava.

A Marília, Rafaela e Sérgio, pelas sugestões bibliográficas, e pelo companheirismo na “pressão” da vida acadêmica. Vocês fizeram a jornada ser mais graciosa.

Aos meus amigos de Recife (são tantos!), pela torcida de sempre e pelo sorriso nas minhas voltas à terrinha.

A Daniel Kupermann, Davy Bogomeletz, Jurandir Costa e Octavio de Souza, pelo apoio e rigor nos esboços deste trabalho.

A Cicília Ribas e ao CPPL, pelos primeiros passos em Winnicott.

Ao CPRJ, pelas referências em psicanálise.

Aos funcionários da biblioteca, da secretaria e da informática do IMS, pela simpatia e seriedade no trabalho.

À CAPES, pelo fomento financeiro.

A Deus, que me proporcionou saúde, fé, e todas essas pessoas para estarem comigo nessa caminhada. Muito obrigada, meu Deus!

## RESUMO

OLIVEIRA, Luciana Lucena Brasil de. *Sobre o que versa a vida: metáforas da criatividade em Freud e Winnicott*. 2007. 73 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

Este trabalho partiu da preocupação com a inapetência para a vida nos dias atuais. Diante de sujeitos que se sentem desapossados do próprio viver, e de uma sociedade que imprime rótulos de vida nos sujeitos, trazemos possibilidades de entendimento dessa área tão fragilizada atualmente: a criatividade – a esfera da vida em que o sujeito se move no mundo com realizações inovadoras. Tomando como referência a psicanálise, analisamos as metáforas lingüísticas da criatividade nas obras de Freud e Winnicott, e percebemos dois grandes campos semânticos: a criatividade como desvio dos interesses primários do sujeito, e como abertura, auto-criação e cumplicidade com o mundo. Na metáfora freudiana do desvio sublimatório encontramos ainda duas tonalidades de significação: um emblema simbólico do interesse frustrado, ou um consolo diante da incompletude humana. Seguindo esses enredos metafóricos, discutimos as concepções teóricas fundamentais em que cada autor estava engajado: as concepções de mente e as corporeidades envolvidas nos processos criativos. Com a multiplicação das ferramentas lingüísticas do conceito de criatividade, proporcionamos um leque metafórico mais amplo para aqueles que acolhem pessoas cujo sofrimento é resultado da indiferença com o mundo.

Palavras-chave: Freud. Winnicott. Sublimação. Criatividade.

## ABSTRACT

This research started on the worry about the indifference to life nowadays. In the face of subjects who feel themselves deprived of their lives, and of a society that fixes the ways of life, we indicated possibilities of comprehending this so fragilized area: the creativity - this field of life which the subject moves himself in the world with innovating realizations. In the psychoanalytical perspective, we analyzed the linguistic metaphors of creativity in Freud's and Winnicott's thoughts, and attempted to two semantical fields: the creativity as a subterfuge of subject's primary interests, and as an approaching, an auto-creation and complicity with the world. The freudian metaphor of a sublimate detour has two tones of meaning: a symbolic emblem of a failed interest, or a consolation in face of the human incompleteness. oing ahead with these metaphors, we disserted about the fundamental theoretical concepts each author was engaged in: the mind conceptions and the corporealities involved in the creative proceeding. Multiplying the linguistical tools of the creativity, we offered a larger metaphorical horizon to that who listen people that suffer from "inapitude to life".

Keywords: Freud. Winnicott. Sublimation. Creativity.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>A CRIATIVIDADE COMO DESVIO (OU REAÇÃO) DA VIDA BIOLÓGICA</b> .....	16
1.1	<b>A criatividade como emblema de um interesse primário proibido ..</b>	18
1.2	<b>A criatividade como consolo da existências</b> .....	25
1.3	<b>A criação num mundo opressor: um emblema e um consolo</b> .....	32
2	<b>A CRIATIVIDADE COMO ABERTURA PARA O MUNDO</b> .....	33
2.1	<b>O desenvolvimento de uma abertura criativa para o mundo</b> .....	34
2.2	<b>As relações de objeto e a vida na cultura</b> .....	40
2.3	<b>Criatividade: expansão de si para uma parceria com o mundo</b> .....	42
3	<b>FREUD, WINNICOTT E OS ENREDOS DE SUAS METÁFORAS</b> .....	45
3.1	<b>A concepção de mente – a criatividade das ideias e a criatividade da ação</b> .....	49
3.1.1	<u>Freud: a criatividade do “mundo das ideias”</u> .....	51
3.1.2	<u>Winnicott: a criatividade do ‘potencial de ação’</u> .....	54
3.1.3	<u>Freud e Winnicott: diferentes instrumentos de criatividade</u> .....	57
3.2	<b>O corpo – a criatividade defensiva e a criatividade promotora</b> .....	58
3.2.1	<u>Freud: a criatividade por defesa da integridade do sujeito</u> .....	59
3.2.2	<u>Winnicott: a criatividade pela ação de integrar o indivíduo</u> .....	61
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68

## INTRODUÇÃO

O termo “criatividade” está na ordem do dia, estampado repetidamente em revistas e jornais de circulação comum. É um tema de interesse geral. E é, sobretudo, um conceito amplamente explorado nas diversas áreas de produção de saber: marketing, administração, economia, sociologia, serviço social, pedagogia, psicologia, neurociências, robótica, filosofia, literatura, artes... a produção de pesquisas, livros e artigos é imensa! Cada uma enfocando especificidades do tema, de acordo com suas demandas de aplicação. No entanto, em sua maioria, com uma preocupação comum: a atitude versátil e inovadora do homem com a realidade que o rodeia – intelectual, profissional, existencial, social, organizacional, mercadológica etc.

Portanto, cabe-nos, antes de tudo, explicitar o aspecto da criatividade a que nos dedicamos.

Abordando o tema na vertente psicanalítica, entendemos como criativa a ação humana que vai além de uma resposta automática a um estímulo (interno ou externo) específico. A criação gera algo novo, fora do que situamos na ordem das necessidades. É o que, grosso modo, chamaríamos de uma “ação livre e inovadora”.

Além dos tópicos da liberdade e da inovação, a criatividade ainda pode ser uma produção de repercussões apenas internas ao sujeito (como as fantasias, sonhos e devaneios, por exemplo), ou ser uma realização de desfrute social. **É a esse segundo conjunto de fenômenos que nos reportamos: as ações (as criações) socialmente partilhadas.**

A preocupação com esse aspecto da vida, transformador da “realidade do mundo”, se justifica em pelo menos dois níveis de discussão. O primeiro se origina de uma constatação na clínica psicoterápica. O tipo de sofrimento que tem predominado nos consultórios não é mais do tipo conflitivo - sejam conflitos intrapsíquicos, entre desejos contrários (o fazer e o não-fazer, o querer e o querer-outra-coisa), ou conflitos eu-outro, entre a vontade pessoal e a imposição externa. Este tipo de sofrimento continua a existir, mas não é mais a tônica existencial de nossos dias. A nossa dinâmica cultural nos permite quase tudo. É difícil imaginarmos algo absolutamente opressor, que não tenha seu nicho de identidade e de aceitação. Podemos ser e fazer qualquer coisa.

Ironicamente, em lugar dos conflitos psíquicos clássicos, têm chegado à clínica pessoas com um sofrimento mais primitivo, que é sobre a própria questão de “ser”. Em vez dos conflitos do que fazer da vida, sofre-se com a falta de potência de vida, com o vazio da existência. E não é de “ser tal ou qual coisa”, mas do próprio “ser”, do se sentir engajado no viver, com uma identidade, uma legitimação, e não apenas passando no mundo, indiferente, inapto para uma existência que valha a pena. Neste sentido, as realizações no mundo funcionam como um “cumprimento de deveres”, acompanhados quer de uma apatia, quer de um descontentamento consigo e com o mundo. O fato é que o indivíduo sente o mundo como alheio a ele, e, a decorrência comum: o indivíduo se torna alheio ao mundo. Suas existências (do indivíduo e do mundo) se isentam de valor. Com a falta de “companheirismo” do mundo, o indivíduo sofre de carência de VIDA.

Um segundo nível de discussão é um prolongamento social do perfil clínico atual. A trama social oferece pacotes de rótulos identitários e de desejos prontos para o consumo. Os laços sociais não são estabelecidos com “pessoas individuais”, mas com “tipos de identidade”. Já é colocado para o sujeito como deve falar, o que deve usar, em quem deve votar, que lugares deve frequentar, e que parâmetros transcendentais deve assumir, para ser visto, por exemplo, de uma maneira “arrojada, intelectual e moderna”. Há um engessamento social que não permite aos indivíduos construir seus próprios caminhos desejantes. Seus desejos já são pré-moldados a partir da imagem social que se queira assumir. Assim, o indivíduo perde o exercício de sua capacidade criativa de si e do mundo que deseja construir. As realizações no mundo declinam da inventividade individual. O movimento de “fazer no mundo” passa a ser, predominantemente, produto dos rótulos identitários – ou, (1) por uma adesão acrítica, silenciosa e “pacata” (e uma vida sem viço), ou (2) por uma rebeldia inconseqüente (e daí se debanda para atos anti-sociais).

Em suma, eis alguns de nossos problemas atuais: indivíduos que se sentem destacados do mundo que lhe rodeia, “vagando” numa vida desprovida de sentido, e uma conjuntura social que engessa as individualidades em imagens identitárias. Nesse meio, a expressão da potencialidade criativa genuína é tolhida. A relação eu-mundo se torna cada vez mais frágil, e as vidas se tornam cada vez menos significativas.

Dado esses fenômenos clínicos e sociais contemporâneos que permeiam o tema da saúde, compartilhamos com D.W. Winnicott a pergunta que ele se fez ao

tratar da criatividade: afinal de contas, *sobre o que versa a vida?*<sup>1</sup> O que “anima” o homem a agir no mundo? O que leva o “eu” para “fora de si” e o faz transformar o mundo? Como podemos entender essa relação entre o “mundo individual” e o “mundo compartilhado”?

Circunscrevendo-nos à psicanálise, podemos extrair diferentes possibilidades de resposta, cada qual remetendo a uma abordagem do que seja o si-mesmo na relação com o mundo (campo em que a vida acontece).

Ao longo deste trabalho destacamos, então, as metáforas da criatividade nas relações eu-mundo que permeiam as obras de Freud e Winnicott. Esse horizonte de análise é tomado na perspectiva de que as metáforas lingüísticas que utilizamos para expressar a vida moldam a maneira de vivenciar a realidade. Ou seja, o modo como interpretamos um fenômeno social, ou como acolhemos um movimento inovador de um paciente, elenca uma rede de significações para a vivência criativa. Tal universo semântico não é nem mais, nem menos verdadeiro que outro, mas numa dada circunstância, pode abrir os horizontes de vida do indivíduo e, noutro momento, pode ser aprisionante.

O intuito desse trabalho, portanto, não é o de contrapor as teorias freudiana e winnicottiana, ou de colocar qualquer uma delas como modelo de verdade, mas é o de disponibilizar (pluralizar) ferramentas para o entendimento da criatividade. Propomo-nos mais um jogo de experimentação da(s) psicanálise(s), que uma retratação de doutrinas psicanalíticas. Nesse *playground* teórico, não pretendemos encontrar observações fiéis ao “fato da vida”, mas enriquecermo-nos com novas inteligibilidades acerca do fenômeno criativo.

Nos autores selecionados encontramos dois universos metafóricos predominantes. Para Freud, a criatividade tem como enredo a frustração, o desvio, a substituição, a “sublimação”. Já a criatividade winnicottiana, tem relação com uma vivência primitiva de onipotência, com um impulso de ação diante da vida, de abertura para o mundo, e com um sentir que “a vida vale a pena”.

Ao fazer este trabalho, portanto, exercitamos o próprio tema em análise: a criatividade. Iniciando com uma varredura teórica de dois autores de referência – Freud e Winnicott – tentamos produzir novos outros olhares sobre velhos conceitos.

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma provocação de Winnicott aos seus colegas, tentados a se abrigarem em teorias consolidadas, e a esquecerem o questionamento central da psicanálise, que é sobre o movimento incitador da vida: “ainda temos de enfrentar a questão de saber sobre o que versa a vida”. (Winnicott, 1971, p.137)

Ao revisar o *dejà dit*, com a distância privilegiada do tempo da fabricação desses grandes discursos, e contaminados com os tempos atuais, ora ampliamos, ora delimitamos, as falas da tradição. Dessa reprodução/ produção, criamos novas ferramentas teóricas para lidar com o mundo que nos rodeia. Ou seja, multiplicando nossa rede de significações da criatividade, podemos oferecer campos semânticos mais adequados para a vivência de cada pessoa que nos chega com dificuldades nessa área.

O percurso foi feito do seguinte modo:

Nos capítulos 01 e 02 exploramos os horizontes metafóricos que permeiam o campo das realizações criativas do homem no mundo.

O primeiro capítulo é dedicado à perspectiva freudiana. Neste autor, o conceito a que nos apegamos para analisar a dinâmica das realizações no mundo foi o da *sublimação*. Como sabemos, a sublimação é um conceito pouco explorado por Freud, mas a que ele atribui uma importância fundamental na vida psíquica.

O horizonte metafórico a que Freud nos leva é da vida criativa (sublimatória) como um *desvio* de interesses primários, de caráter sexual, que não puderam ser realizados diretamente. Já que os impulsos individuais não puderam ser satisfeitos, eles são redirecionados para realizações de bem comum.

A criatividade sublimatória tem, no entanto, suas nuances ao longo da obra freudiana. Primeiramente, Freud apresenta a realização sublimatória como uma marca simbólica no mundo de um desejo sexual que fora censurado. Não sendo possível a satisfação direta, a “primitividade” pulsional burla as impossibilidades, e se reapresenta ao mundo de tal maneira que passe a ser aplaudida por ele. A criação sublimatória é um protesto e uma vitória das pulsões sexuais. Neste contexto, então, entendemos a expressão criativa no mundo como um emblema de interesses primários proibidos. Este horizonte metafórico traz a criatividade como uma “máscara” psíquica para apresentar os desejos recalçados pela repressão do mundo.

Num segundo momento da obra freudiana, sobretudo a partir de *Introdução ao Narcisismo* (1914), um outro campo semântico dinamiza o entendimento da vida criativa. Muito embora permaneça a metáfora maior, da criatividade como um desvio dos impulsos primitivos, este redirecionamento ganha novos geradores na vida psíquica.

Aquela primeira nuance metafórica de Freud da “vida criativa por desvio” se insere num discurso sobre a dinâmica própria das pulsões. O investimento nas realizações criativas é resultado de uma “sabedoria automática” do organismo quando seus interesses originais são barrados.

Já com a noção de narcisismo, o investimento criativo no mundo passa a ser um *objetivo do eu*. O próprio ego exige uma “ascensão” dos impulsos primitivos para atividades de valorização da imagem egóica.

Alia-se ao narcisismo a categorização dos interesses humanos em pulsões de vida e pulsões de morte. Neste contexto, os movimentos sublimatórios no mundo têm como objetivo o retorno à experiência primária de completude e quietude. Os empreendimentos criativos são uma tentativa de alcançar o *nirvana*. Mas, como essa satisfação completa e permanente nunca é possível, o homem se consola criando satisfações parciais e momentâneas, como que vislumbrando uma perfeição mítica.

Nessa perspectiva, a discussão do mover criativo no mundo gravita sobre a incompletude humana. Diante da impossibilidade de satisfação plena através da imediaticidade das pulsões sexuais, o homem se volta para o mundo como alternativa de busca da “felicidade perfeita”. Com isso, ele tem a vantagem de pluralizar seus meios de satisfação. No entanto, como não encontra a completude, é continuamente levado a novas realizações sublimatórias. As criações são, portanto, um alento diante da inatingibilidade de plenitude, e uma expectativa incansável de um dia alcança-la.

Enfim, insistindo num contexto vivencial de um mundo opressor dos desejos primitivos do sujeito, Freud traz, em seu segundo momento teórico, o universo metafórico da criatividade como consolo e esperança. As realizações criativas são um desvio dos impulsos originais do sujeito para maneiras de aliviar o sentimento de pequenez e de impotência diante do mundo que lhe oprime.

Em suma, no horizonte freudiano da criatividade sublimatória como um desvio dos impulsos primários, ele nos apresenta duas nuances metafóricas: da criatividade como máscara e símbolo dos desejos originais, e da criatividade como um consolo diante da incompletude existencial.

No capítulo 02, trazemos a perspectiva winnicottiana de criatividade. Com esse autor, se coloca em pauta um campo semântico bastante diferente do freudiano, a começar pela sua abordagem à relação homem-mundo. Em lugar de uma reação a um mundo oponente, Winnicott apresenta a criatividade como o

próprio meio pelo qual o indivíduo estabelece um espaço de *continuidade* com o mundo.

A partir de vivências de acolhimento e sustentação (primeiramente físicas, e depois psíquicas) na infância, o indivíduo vai conquistando confiança (1) em seu potencial e (2) na cumplicidade do mundo para sua existência pessoal. Desse modo, o indivíduo se apercebe que uma parcela de si pode estar no mundo – nessa realidade não-EU habitada por uma comunidade de outros-EUS – e que, nesse espaço de transição com o mundo, é que ele se sente vivo, e se sente EU MESMO.

O exercício criativo é o próprio fluxo ininterrupto de colocar-se no mundo, imprimindo um pouco de si na realidade partilhada, e enriquecendo a realidade subjetiva com novos sonhos, trazidos pela vivência com o mundo. A criatividade, neste contexto, é situada no horizonte metafórico da *abertura* genuína para o mundo. Diz respeito à experiência sagrada de ser-com-o-mundo, e, assim, ser “inteiro”. As realizações criativas fazem parte do impulso de experimentar-se nas relações com o mundo.

No capítulo 03, adentramos os horizontes metafóricos observados nos capítulos anteriores, explorando seus enredos metafísicos e metapsicológicos.

Vemos que sobrepor as duas teorias num mesmo patamar de discussão incorre em imprecisões epistemológicas. A trama conceitual em que cada um enreda a criatividade não é equiparável. Freud e Winnicott apresentam metáforas da criatividade em diferentes perspectivas existenciais, baseados em diferentes estruturações de “eu”, e diferentes “circuitos emocionais” na relação criativa com o mundo.

Para Freud, o enredo da criatividade é sobre um *eu estruturado e coeso* que busca a *gratificação* pela renúncia pulsional através de realizações criativas no mundo. Daí a preocupação freudiana com a história dos conflitos psicosssexuais do sujeito, e com a qualidade simbólica dos investimentos criativos no mundo. Freud fala do *usufruto do mundo pelo sujeito*, para atingir, ao menos uma parcela, da satisfação que teria com a plenitude sexual (que lhe é impedida).

Para Winnicott, o processo criativo inicia-se pela própria formação de um “eu”, *em contínua transformação com o mundo*, e dependente dele para o exercício de experimentação do EU e do não-EU. Winnicott se concentra no impulso criativo que realiza coisas no mundo, mas que, sobretudo, leva o indivíduo a uma apercepção de *continuidade expansiva* dos “eus” que habitam “dentro” e “fora” de si.

Ele fala da *constituição do sujeito criativo no mundo* – ou seja, ele próprio “é” parte da criação.

Tendo em vista estes diferentes horizontes metafóricos das criatividades freudiana e winnicottiana, buscamos as bases de seus desenvolvimentos conceituais. Acompanhando os autores nas noções fundamentais de suas teorias, podemos compreender melhor as especificidades de seus universos semânticos.

O primeiro alicerce conceitual que analisamos é quanto às concepções de mente.

Freud se concentra num conceito de *mente como uma entidade privilegiada, habitada por representações psíquicas*. Todo o desenrolar da vida gira em torno dos caminhos e parcerias a que esses constructos ideativos se apegam, e do modo como escapam das limitações que o mundo lhes impõe. Já Winnicott, prioriza a *mente como atividade*, em seu caráter plástico de estimular-se na relação com o mundo, de criá-lo, e de se renovar com ele. A mente é um espaço de ação com o mundo – é onde o indivíduo pode transformar suas diferenças com o mundo em conciliações de enriquecimento mútuo.

Desse modo, o movimento criativo sobre o qual recai a teoria freudiana é a criatividade do “mundo das idéias”. A criatividade sublimatória diz respeito a novos engajamentos das representações psíquicas a outros complexos ideativos que não gerem conflitos. E Winnicott teoriza a criatividade num processo de desenvolvimento global do indivíduo. A mente e o envolvimento criativo com o mundo são uma abordagem do indivíduo à Vida. Ele se concentra, portanto, na *criatividade da ação* no mundo.

Passando pelas concepções de mente dos dois autores, e pela decorrente diferenciação dos instrumentos de criatividade sobre os quais eles trabalham – a representação e a ação –, exploramos as corporeidades envolvidas em cada um dos horizontes metafóricos.

Para Freud, sobretudo a partir da noção de narcisismo, os interesses de autoconservação do sujeito concorrem a “atenção” com os desejos fantasmáticos (sexuais). O ego fica, então, com a função de conciliar os dois grupos de pulsões: as necessárias à sobrevivência do sujeito, e as que investem fantasmaticamente na imagem do eu. É nessa organização egóica das pulsões, em que a corporeidade, por vezes, concorre com as fantasias, que a criatividade sublimatória entra em cena: por *defesa da integridade do sujeito*, o ego redireciona os impulsos fantasiosos

ameaçadores para atividades afins à manutenção do indivíduo. Daí dizermos que a criatividade freudiana é *defensiva da integridade do sujeito*.

Para Winnicott, não há interesses fragmentários do indivíduo. Todos os impulsos se envolvem num único espiralar de vida. Desde a apreensão primária de SER-corpo, até as necessidades físicas, a apercepção de SER-eu, os sonhos individuais, e a relação com o mundo – tudo isso, todos os interesses – se coadunam no desenvolvimento global do indivíduo. O impulso indiferenciado que integra num só movimento de vida todos os interesses do indivíduo é também a própria fonte de criatividade. As criações no mundo são expressões genuínas de um “eu” que tem sua identidade no mundo, e que por isso, se apercebe uma *persona total*. Daí situarmos a criatividade winnicottiana como *promotora da integridade do indivíduo*.

Compreendendo estas particularidades dos enredos metafóricos, constatamos a inexatidão da tentativa de revogar uma teoria pela outra. Antes de querer usá-las como “expressões da verdade”, devemos aceitar o desafio de não engessarmos nosso entendimento sobre os *factos da vida* em teorias consolidadas. A perspectiva, portanto, não é a de unificar, ou de sintetizar, as teorias apresentadas, mas de disponibiliza-las como possíveis instrumentos de ajuda aos indivíduos que padecem nesse campo criativo da relação eu-mundo.

Diante das “novas realidades” – que estão sempre surgindo –, devemos nos apoiar nas tradições teóricas como ferramentas que pluralizam as possibilidades de abordagem à situação que nos é apresentada. Com a sustentação inicial dos “grandes pensamentos”, e a sensibilidade às novas condições que se impõem, podemos criar maneiras mais apropriadas para acolher as “existências que pedem socorro”.

## 1 A CRIATIVIDADE COMO DESVIO (OU REAÇÃO) DA VIDA BIOLÓGICA

Privilegiamos como campo de estudo das realizações criativas na obra de Freud as ações delimitadas sob o conceito da sublimação. Como se sabe, este não é um item bem sistematizado por Freud. O material disponível se limita a alguns comentários em artigos metapsicológicos e de análise de casos.

De qualquer forma, podemos dizer que os processos criativos se mantêm, em linhas gerais, como o desenvolvimento de uma disposição sexual indiferenciada, cujo redirecionamento para objetivos assexuais “mais elevados” fornece energia para as realizações culturais<sup>2</sup>. Para Freud, a criatividade é um desvio dos impulsos biológicos que, impossibilitados de sua efetivação direta, tomam caminhos substitutivos de satisfação do sujeito e usufruto coletivo<sup>3</sup>. Ou seja, a criatividade tem como móvel originário a sexualidade<sup>4</sup>.

Ele escreve:

---

<sup>2</sup> FREUD, 1905[1901]. *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*. Essa é sua primeira citação sobre o processo de sublimação pulsional.

<sup>3</sup> Ao lado desse caráter mais externalista das criações sublimatórias, sobre a qual nos debruçamos nesse estudo, Freud faz ainda um uso mais subjetivo do conceito de sublimação. Nesse sentido, em vez de realizações criativas no mundo a sublimação pulsional leva a traços psíquicos. É o caso, por exemplo, em *Caráter e Erotismo Anal* (1908) em que Freud relaciona os traços subjetivos da ordem, da parcimônia e da obstinação com o redirecionamento sublimatório do erotismo anal da infância. Seguindo esse raciocínio, os homossexuais seriam destituídos dessas características relacionais.

Na conclusão freudiana: “De qualquer modo, podemos estabelecer uma fórmula para o modo como o psiquismo, em sua configuração final, se forma a partir das pulsões constituintes: os traços subjetivos permanentes são, ou prolongamentos inalterados das pulsões originais, ou sublimação dessas pulsões, ou formações reativas contra as mesmas.”

Atentos a esse uso do termo, a criatividade subjetiva é pauta de trabalhos posteriores.

<sup>4</sup> Para que não haja má compreensão do uso dos termos utilizados nesse capítulo, vale a pena firmarmos nosso entendimento sobre “corporeidade” e “biologia”.

Quando equiparamos a pulsão ao biológico e ao corpo, não estamos colocando-a ao lado dos instintos, nem considerando a sexualidade como sinônimo de genitalidade. Quanto ao caráter sexual da pulsão, apesar de ser uma discussão profícuca, não é tópico desse trabalho. Propomo-nos apenas a discorrer os enredos metafóricos da criatividade sublimatória em Freud, e não a discutir a natureza pulsional.

No que diz respeito à corporeidade e à biologicidade das pulsões, esta não é, necessariamente, uma reinvenção metapsicológica deste trabalho, mas sim uma outra concepção de corpo. Nela, “biologia” e “corpo” não se restringem à manifestações físicas, metabólicas e anatomofisiológicas. Na abordagem holista da biologia, a unidade orgânica humana, em interação com um dado ambiente, se afirma com expressões físicas e expressões mentais. “Fisicalismo” e “psiquismo” são ferramentas que um mesmo corpo, uma mesma biologia, dispõe para se relacionar com o mundo. Noutras palavras, o “universo” dos sentimentos, crenças, emoções, pensamentos e fantasias não é de uma “natureza diversa” da materialidade anatomofisiológica do corpo. Físico e anímico são apenas diferentes “linguagens” de um mesmo corpo. “Corporal” e “mental” são atribuições de uma biologia específica, incitada pelo mundo que a cerca, e não duas entidades, por vezes concorrentes, que habitam uma “máquina”.

Portanto, ao situarmos a sublimação como um desvio do biológico, estamos afirmando simplesmente que esse é um mecanismo de saída pulsional para o mundo. O processo sublimatório nem é um investimento pulsional sobre a fisicalidade do corpo, nem se restringe a uma produção psíquica (essa é uma possibilidade, mas não a que frizamos nesse trabalho). A sublimação efetivamente realiza algo na externalidade do mundo, ou seja, “sai” do envelope físico do eu.

Para uma discussão mais minuciosa do adjetivo sexual das pulsões, e da categorização moderna de corporeidade, ver Costa, 2004, pp.25-88.

“Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia — na totalidade ou em sua maior parte — é desviada do uso sexual e voltada para outros fins.”  
(Freud, 1905)

No entanto, apesar do conceito parecer uniforme em caráter geral, a teoria da sublimação passa por algumas interrogações e mudanças, que nos dão diferentes conotações da vivência criativa. De modo esquemático, podemos dizer que a *origem* sexual da sublimação e sua *finalidade* social são invariantes em Freud. Os aspectos teóricos que se modificam dizem respeito (1) à *natureza do objeto* sublimatório (se ele é um novo objeto ou um emblema daquele primeiro objeto que não pôde ser investido sexualmente), (2) ao *material* resultante (se envolve apenas as “artes sublimes”, ou abrange o trabalho cotidiano e toda obra de pensamento), e (3) à *participação egóica* nesse processo. O primeiro aspecto toca na questão de uma vivência criativa legítima e inovadora, ou, por outro lado, uma vivência repetitiva que expressa um sintoma de um impulso não satisfeito. Já a discussão do material sublimado, restringe a criatividade aos sujeitos de obras bem-sucedidas e de valor artístico, ou reconhece a capacidade criativa em qualquer sujeito. E o terceiro aspecto, da participação egóica nos processos criativos, muda a conotação criativa de um automatismo, efeito de um equilíbrio/desequilíbrio de energias, para um investimento em que o ego assume um núcleo de agência.

As principais mudanças teóricas de Freud quanto à sublimação acontecem em torno de *Introdução ao Narcisismo* (1914), quando insere a libido narcísica em sua teoria pulsional. Até aquele momento, a criação sublimatória está bastante calcada na ebulição sexual. Freud tinha como fundamento o apoio das pulsões sexuais nas pulsões de autoconservação. Ou seja, a fusão primitiva das pulsões sexuais com as funções vitais; quando as primeiras se tornam independentes, mantêm a fonte pulsional e o objeto orgânicos. Neste sentido, assim como poderia haver “contaminações” das funções autoconservadoras (orgânicas) por perturbações sexuais (como é o caso da histeria - das perturbações psicogênicas da visão, da alimentação etc.), também seria possível que as forças pulsionais sexuais fossem atraídas para objetivos não sexuais. O caminho da sublimação criativa segue, então, esse mecanicismo orgânico: a exacerbação dos investimentos sexuais é desviada e simbolizada em interesses sociais.

Quando Freud insere a idéia de uma pulsão narcísica, a dinâmica sublimatória ganha um novo espaço na vida psíquica. A dessexualização pulsional pode passar a ter o intermédio egóico. Muito embora continue com o esquema de desvio das pulsões sexuais, o ego assume uma posição incitadora da sublimação. O ego passa a incidir sobre as pulsões sexuais – em lugar de um automatismo orgânico, a sublimação ganha um núcleo de agência: o eu. O sujeito não abdica de sua economia corporal apenas por repressões sociais, mas o seu próprio ego lhe exige uma “ascensão” das satisfações biológicas. O investimento em realizações sociais passa a ser uma rogativa do eu. Diante de uma sexualidade frustrada, esses novos interesses egóicos trazem consolo e esperança à existência.

Retomemos o desenvolvimento metapsicológico de Freud e o campo da vida em que ele insere a sublimação ao longo da obra.

### **1.1 A criatividade como emblema de um interesse primário proibido**

Numa primeira fase das teorias sublimatórias, o discurso freudiano vislumbra uma espécie de desvio automático das pulsões sexuais recalcadas para atividades mais “elevadas”, de mérito social. Essa reorientação pulsional é inaugurada no desenvolvimento psicosexual normal, no período de latência (que é onde surgem os primeiros diques de retenção das pulsões sexuais), e se repetem noutros momentos, por repressão sexual. Neste último caso, a sublimação é uma capacidade que varia para cada sujeito e que tem um “limite máximo” de conversão pulsional. De qualquer forma, a sublimação é a reação psíquica saudável para a “pressão” das pulsões sexuais latentes ou reprimidas.

Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) Freud explana o processo sublimatório sob o enfoque do desenvolvimento psicosexual. Ele afirma que as pulsões sexuais são retidas em suas finalidades para que suas forças sejam direcionadas para interesses sociais. Para reforçar esse novo destino pulsional, um outro conjunto de pulsões sexuais se volta para sentimentos contrários a esta tendência – surgem o asco, a vergonha e o constructo moral. Desse modo, o desvio sublimatório das pulsões é acompanhado de um repúdio de seu objeto primário (sexual). Em outros termos, a criatividade é o espaço da vida psíquica que “renega”

e “supera” a biologia. Que fique claro: a sublimação não deixa de ser uma atividade pulsional (e, portanto, sexual). No entanto, ela se apresenta como um caminho “mais longo” para a satisfação pulsional. O destino sublimatório das pulsões abdica de sua meta sexual, e se serve de subterfúgios não-sexuais. A criação sublimatória é uma realização sexual, sendo que não “comove sexualmente” a corporeidade.

Subscrevendo o caráter emblemático da criatividade, Freud escreve sobre as condições de prazer (sublimatório) nas obras teatrais e criações literárias<sup>5</sup>. De um lado, o prazer do ator/autor de representar “o grande homem” que não teme os seus impulsos sufocados, e pode desabafar os desejos de liberdade religiosa, política, social e sexual. De outro, o prazer do espectador que, diante de toda a carga dramática do personagem, pode participar de “compensações satisfatórias” ao final da trama. Sublimando, se cria a encenação do desejo primitivo de onipotência, primariamente sexual.

Em *Escritores Criativos e Devaneios* (1907), apesar da ênfase ao devaneio, Freud traz outros elementos interessantes ao conceito de criatividade. Perguntando-se sobre a origem do material dos escritores criativos e sobre sua surpreendente capacidade de suscitar emoções no público, Freud busca na infância os primeiros traços de atividade imaginativa. Ele compara o comportamento criativo do escritor com o brincar infantil.

Tal como numa brincadeira, a criação seleciona elementos preexistentes do mundo do sujeito, reajusta ao modo que lhe agrada e investe neles uma grande “quantidade” de emoção<sup>6</sup>. Com essa comparação da criatividade com o brincar infantil, Freud atribui a capacidade criativa a todo sujeito, independente do primor de sua obra. A criação se apresenta como uma atividade corriqueira a qualquer um que tenha um trânsito equilibrado entre o mundo compartilhado e o mundo subjetivo.

Ainda falando sobre as criações “menos pretensiosas”, Freud nos antecipa o que apresentará mais sistematicamente na formulação do narcisismo. É sobre o conteúdo egocêntrico da criação. Ele observa que todas as criações literárias giram em torno de um personagem herói, que é guardado por uma espécie de Providência especial, e por quem todas as mulheres se apaixonam. Para ele, esse sinal de

---

<sup>5</sup> (Personagens Psicopáticos no Palco, 1905).

<sup>6</sup> No entanto, mesmo com toda seriedade com que o sujeito investe no seu mundo criativo, ele mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. Essa antítese faz a diferença entre a criação e a fantasia. Na fantasia, o sujeito “descola” da realidade externa, e faz de suas criações pessoais o próprio mundo. O fantasiar evita o conflito por meio de uma satisfação onipotente do desejo, e de uma diluição/negação das realidades externa e psíquica. Já a criatividade sublimatória “busca” localizar seu conflito e resolve-lo em sua criação.

invulnerabilidade e encantamento é patente de “Sua Majestade, o Ego” – o verdadeiro protagonista na trama dos desejos.

“Este é o genuíno sentimento heróico, expresso por um dos nossos melhores escritores numa frase inimitável. ‘Nada *me* pode acontecer!’ Parece-me que através desse sinal revelador de invulnerabilidade, podemos reconhecer de imediato Sua Majestade o Ego, o herói de todo devaneio e de todas as histórias.” (Freud, *Escritores Criativos e Devaneios*, 1908)

No entanto, mesmo com essa tonalidade narcísica, Freud permanece atribuindo à criação a atualização de alguma experiência remota, que apesar de não ficar claro, parece se referir às pulsões sexuais recalçadas da infância<sup>7</sup>.

O segundo eixo da análise dos escritores criativos está em sua capacidade de suscitar ao espectador efeitos emocionais que os surpreendem. Nesse aspecto, Freud parece oscilar, mais uma vez, entre conceitos egóicos (aludindo ao processo de identificação) e o esquema da ebulição sexual.

Para Freud, o efeito poético da obra está em driblar a vergonha, a repulsa, ou a indiferença que comumente sentiríamos ao tomar conhecimento das fantasias alheias (no caso, do autor), produzindo, em vez disso, prazer. Para tanto, o autor suaviza o egoísmo de suas fantasias, rerepresentando-as em seu caráter estético. Por conseguinte, suas fantasias funcionam como um “prêmio de estímulo” (ou um “prazer preliminar”) para que o espectador supere os entraves de suas próprias fantasias e libere “tensões psíquicas mais profundas”. Ou seja, de um lado há o sujeito criativo, que tem um talento especial de disfarçar o caráter sexual de seus interesses, de tal modo que, em lugar do repúdio social, gera o reconhecimento e o aplauso. Do outro lado (de quem admira a criação), o prazer toma o caminho inverso: a partir da “manifestação sublime” da sexualidade do sujeito criativo, o espectador libera suas fantasias e recalques sexuais primitivos, devotando gratidão e admiração àquele que o possibilitou esse momento de satisfação.

*Escritores Criativos e Devaneios* se apresenta, então, como um trabalho de Freud em que ele mantém a sublimação como um emblema saudável dos impulsos

---

<sup>7</sup>Nas palavras de Freud: “Em geral, até agora não se formou uma idéia concreta da natureza dos resultados dessa investigação, e com frequência fez-se da mesma uma concepção simplista. À luz da compreensão interna (*insight*) de tais fantasias, podemos encarar a situação como se segue. Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga.” (*ibid*, grifos nossos)

sexuais reprimidos, só que já esboça um caráter egóico nesse processo. Ainda não é um ego forte, participante dos investimentos pulsionais, mas tem uma coadjuvância que incita a sublimação. Apesar do vocabulário mecanicista, Freud começa a trazer alguns elementos do eu no processo criativo.

Em *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908), Freud relativiza a capacidade sublimatória e frisa o caráter estritamente inconsciente do processo. Tanto o vigor original da libido sexual, quanto sua parcela suscetível de sublimação, são variáveis para cada sujeito de acordo com a constituição inata e com as experiências (Freud fala inclusive em diferenças entre as profissões)<sup>8</sup>. Freud confere a quota de sublimação à “sorte” genética e ao exercício intelectual. De qualquer forma, mesmo com todo favor biológico, essa mobilidade pulsional não poderia se ampliar indefinidamente. Há sempre uma parcela de satisfação sexual direta, que se for restringida, pode acarretar “prejuízos funcionais” e um desprazer subjetivo que se aproxima do campo da doença.

Um cuidado moral particular daquela conferência de Freud sublinha a impossibilidade da conversão pulsional através do combate à sexualidade. A sublimação é, sim, um destino alternativo à repressão das pulsões sexuais. No entanto, o caminho inverso não apresenta o mesmo efeito. As pulsões sexuais não se rendem a pedagogias sociais ou egóicas (ou seja, ao domínio da consciência) em vistas de alcançar a sublimação. Pelo contrário, a imposição de uma abstinência sexual consome as forças psíquicas do sujeito e sucumbe em neuroses. Nas palavras de Freud:

“Em geral não me ficou a impressão de que a abstinência sexual contribuía para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com freqüência bem maior produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má-vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes.”

---

<sup>8</sup> Em certo ponto do texto, Freud é mais enfático quanto à habilidade sublimatória: “Entretanto, podemos afirmar que a tarefa de dominar uma pulsão tão poderosa quanta a pulsão sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo. O domínio da pulsão pela sublimação, defletindo as forças pulsionais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais, tornam-se em grande maioria neuróticos, ou sofrem alguma espécie de prejuízo”. (grifos nossos)

A restrição individual e o material resultante dessa habilidade conversiva são aspectos da teoria da sublimação que Freud não assume uma posição definitiva.

Noutros termos, a criatividade, nem é habilidade de todo sujeito, nem está à mercê de exercícios pedagógicos para que seja desenvolvida. Soa como um destino pulsional que privilegia a alguns iluminados, cada qual num nível de “agraciação” particular.<sup>9</sup> A criação se apresenta como um processo sem sujeito, que acontece em situações de desarranjo das energias psíquicas. A criatividade é a válvula de escape que burla as proibições do “feio, imoral e repugnante” que há dentro de nós, colocando-os na aparência do “belo, sublime e desejável”.

Freud apresenta apenas uma alternativa bem-sucedida para ampliação da capacidade criativa: o processo analítico<sup>10</sup>. Diferente da tendência cultural de repressão da sexualidade, a psicanálise viria, através do sintoma, refazer o trajeto conflitante das pulsões reprimidas. Trazendo à consciência o material que fora substituído pelo sintoma, o analista pode recondicionar o direcionamento daquelas pulsões para soluções mais apaziguadoras entre o conflito e a neurose. Entre os possíveis destinos estão, ou a satisfação sexual direta, ou o julgamento razoável daquele desejo, agora sob o controle consciente, ou a sublimação “para um alvo irrepreensível e mais elevado”.<sup>11</sup>

Vê-se, portanto, que o mascaramento criativo das pulsões e a neurose apresentam-se claramente como a face e o verso da saúde subjetiva e do desenvolvimento da civilização. Um sujeito, e uma sociedade, equilibrados entre as repressões pulsionais (que ocorrem naturalmente no desenvolvimento psicosexual) e a capacidade sublimatória são sinônimo de bem-estar individual e crescimento cultural. O desvio das pulsões biológicas para uma expressão criativa no mundo é condição imprescindível para uma vida saudável<sup>12</sup>.

Na célebre análise de Leonardo da Vinci (1910), Freud volta a alargar o leque da criatividade, salientando como possíveis resultados criativos as atividades

<sup>9</sup> Essas diferenças individuais a tendência criativa são estudos que Freud delega à biologia.

<sup>10</sup> Ver a segunda e a quinta lição das *Cinco Lições de Psicanálise*, 1910 [1909].

<sup>11</sup> Esse posicionamento indica certo cuidado de Freud com o tema da sublimação em relação às outras defesas. Ao mesmo tempo em que se esmera em reconhecer os elementos “viscerais” da criatividade – ou seja, seus constituintes fundamentais, que a equipara ao sexo -, ele apresenta uma predileção por esse encaminhamento pulsional. Embora o gozo sexual, a histeria, a neurose e a criação sublimatória tenham uma base comum, o investimento criativo é apresentado como uma solução de compromisso mais “nobre”.

<sup>12</sup> Freud, contudo, reitera em várias conferências o cuidado do psicanalista em não ter a sublimação como objetivo do tratamento: “Mas novamente aqui o médico deve controlar-se e guiar-se pelas capacidades do paciente em vez de por seus próprios desejos. Nem todo neurótico possui grande talento para sublimação; pode-se presumir que muitos deles de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar suas pulsões. (...) Deve-se, ademais, manter em mente que muitas pessoas caem enfermas exatamente devido à tentativa de sublimar as suas pulsões além do grau permitido por sua organização e que, naqueles que possuem capacidade de sublimação, o processo geralmente se dá espontaneamente, assim que as suas inibições são superadas pela análise.” (*Recomendação aos Médicos que exercem a Psicanálise*, 1912).

profissionais e a curiosidade. Essa ênfase ao material resultante da sublimação mostra o caráter fundamental da vivência criativa na vida psíquica, dado que a estende a atividades corriqueiras de todos os indivíduos (sem, contudo, negar as particularidades de cada sujeito, discutidas acima). Ademais, no quesito da curiosidade, Freud aborda um outro tipo de relação criativa com o mundo. Em lugar de uma *expressão* pulsional no mundo, a sublimação voltada para a curiosidade *busca* o mundo para o sujeito. É o movimento de apreensão do mundo para si – o princípio da produção científica.<sup>13</sup>

Como desmembramento da curiosidade, Freud opõe a dinâmica pulsional de duas grandes realizações humanas: a ciência e a religião. Ambos são resultados alternativos da experiência das pesquisas sexuais infantis. O caminho pulsional, mais uma vez, depende da incisão repressora. A intimidação dos pais a essa curiosidade infantil primordial amarra o sujeito a autoridades e dogmas (do Pai Temível), e sua produção sublimatória privilegiada é a religião. O Deus pessoal, como exemplo de soberania, é a figura psicológica da exaltação da autoridade paterna. Essa estruturação psíquica, de retorno a dependência infantil através da religião, é a proteção contra os conflitos neuróticos frente aos impasses da vida.

Já num desenvolvimento sem grandes inibições da curiosidade sexual infantil, a ousadia e a independência dessas primeiras investigações se prolongam para a vida adulta com a exclusão do elemento sexual. Isto é, são sublimadas para um interesse pelo mundo. As pulsões se voltam para as pesquisas intelectuais. Essas, sim, livres de referências dogmáticas e com disposição de conhecer o mundo “tal como ele é”, trazem a contribuição da ciência.

Uma ilustração interessante da dinâmica pulsional entre neurose, religião, ciência e sublimação é o caso do homem dos lobos<sup>14</sup>. Vejamos um trecho em que Freud está interpretando um de seus sonhos:

“Era, assim, [os sintomas] uma eclosão direta do pavor da atitude feminina em relação aos homens, contra a qual se protegera, de início, pela sublimação religiosa e iria em breve proteger-se, ainda mais eficazmente, pela sublimação militar.

<sup>13</sup> Como veremos no capítulo seguinte, essa conotação da criatividade como um “voltar-se para o mundo” é a marca da teoria winnicottiana. Contudo, os motivos e as consequências da criatividade divergem radicalmente. Exploraremos as comparações mais adiante (ver capítulo 03).

<sup>14</sup> (*História de uma Neurose Infantil*, 1918[1914], vol. 17, ESB).

Seria, contudo, um grande equívoco supor que após a remoção dos sintomas obsessivos não ficaria qualquer efeito permanente da neurose obsessiva. O processo conduziu a uma vitória da fé piedosa sobre a rebeldia da pesquisa crítica, e tivera, como condição necessária, a repressão da atitude homossexual. Desvantagens duradouras resultaram de ambos os fatores. A sua atividade intelectual ficou seriamente prejudicada depois dessa primeira grande derrota. Não desenvolveu um amor pelo estudo, não mais mostrou a agudeza com a qual, com apenas cinco anos de idade, criticara e dissecara as doutrinas religiosas. A repressão do seu superpoderoso homossexualismo, consumada durante o sonho de ansiedade, reservou esse importante impulso para o inconsciente, manteve-o dirigido para o objetivo original e retirou-o de todas as sublimações às quais é suscetível, em outras circunstâncias. Por esse motivo o paciente era destituído de todos os interesses sociais que dão à vida um conteúdo. Somente quando, durante o tratamento analítico, se tornou possível liberar seu homossexualismo agrilhado, é que esse estado de coisas mostrou alguma melhora; e foi uma experiência das mais notáveis verificar como (sem qualquer conselho direto do médico) cada fragmento da libido homossexual que era libertado procurava alguma aplicação na vida, alguma ligação com os grandes interesses da humanidade.”

Como se vê, o desenvolvimento freudiano sobre a criatividade na sua primeira teoria pulsional gira em torno de um processo alternativo à efetivação direta da sexualidade. É uma reação automática do organismo frente aos seus interesses proibidos que “pedem” um espaço de expressão. Para que a apresentação social seja possível, os interesses “baixos” são travestidos de algo útil e admirado pela cultura.

Noutras palavras: seja criando ou admirando a criação, seja fazendo religião ou ciência, a criatividade é uma solução saudável frente ao desequilíbrio das pulsões sexuais. O produto criativo é uma reedição do objeto desejado primariamente. Em suma, a criatividade é uma máscara de nossos desejos proibidos.

Apegando-nos às palavras do próprio Freud, trazemos um trecho de uma de suas conferências que deixa claro o caráter emblemático que a criatividade pode assumir:

“Ademais, os instintos parciais da sexualidade, bem como a tendência sexual que deles se compõe, revelam grande capacidade de mudar de objeto, de tomar um objeto por outro — e de tomar, portanto, um objeto que seja mais facilmente acessível. A deslocabilidade e a facilidade de aceitar um substituto deve atuar poderosamente contra o efeito patogênico da frustração. Entre esses processos protetores contra o adoecer devido à privação, existe um que adquiriu especial significação cultural. Consiste no fato de a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adotar um outro, que genericamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, já não possui mais um caráter sexual, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos ‘sublimação’, segundo o consenso geral que situa os objetivos sociais acima dos objetivos sexuais, que no fundo, visam aos próprios interesses próprios do indivíduo.” (*Conferência XXII*, Vol. 16, 1916)

## 1.2 A criatividade como consolo da existência

Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), quando Freud vislumbra a possibilidade de pulsões intermediadas pelo ego, o campo da criatividade começa a ganhar um outro espaço na vida psíquica. Muito embora continue com o esquema de desvio das pulsões sexuais, o ego assume uma posição incitadora da sublimação. O ego passa a incidir sobre as pulsões sexuais – em lugar de um automatismo orgânico, a sublimação ganha um núcleo de agência: o eu.

O lugar da sublimação neste processo egóico fica mais claro quando Freud o compara à formação do ideal de eu. O ideal de eu é um constructo psíquico que assume a função do narcisismo primário da infância, ou seja, da imagem de perfeição de si mesmo. Para satisfazer tais exigências egóicas, um dos caminhos para as pulsões sexuais contrárias aos ideais de eu é a repressão (e, possivelmente, a formação de sintomas paranóicos). A via de escape é a sublimação. Melhor dizendo, a criação sublimatória acontece quando o eu narcísico retira a libido do objeto sexual e faz recair sobre si mesmo. Através do eu narcísico, a libido sexual é investida em ideais simbólicos ou em valores sociais que correspondam ao ideal do eu.

Como se vê, a inserção da libido narcísica na teoria freudiana não modifica, de imediato, o *mecanismo* basal da sublimação. Os desdobramentos são posteriores<sup>15</sup>. O ponto adicional desse primeiro momento é quanto aos *geradores* da criatividade: o sujeito não abdica de sua economia corporal apenas por repressões

<sup>15</sup> Sobretudo em *O Ego e O Id* (1923). Trataremos deste tópico mais adiante.

sociais, mas o seu próprio ego lhe exige uma “ascensão” das satisfações biológicas. O investimento em realizações culturais passa a ser, também, uma rogativa do eu.

A incitação egóica à criatividade suaviza o caráter de “uma defesa pulsional saudável”, passando a esboçar a conotação de um objetivo do eu. A disposição criativa passa de um mecanismo substitutivo a um modo de expressão egóico.

Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud dá uma nova guinada em sua teoria do aparelho psíquico. Em lugar das diferenciações anteriores, de pulsões sexuais, pulsões de autoconservação e pulsões narcísicas, ele as reúne em um único conjunto pulsional: as pulsões de vida. Elas têm função agregadora, unificadora e conservadora. Mesclando-se e opondo-se a elas, há as pulsões que tendem para a redução completa das tensões, para o retorno a um momento mítico de nirvana, em que não há falta, não há tensão, não há desejo. Essas são as pulsões de morte.

Nesta forma de caracterizar os interesses humanos, Freud tece algumas críticas de final de artigo sobre a crença benévola de uma “pulsão para a perfeição”. Ele afirma que, se há alguma realização intelectual e sublimação ética, não é pelo zelo humano ao desenvolvimento de “super-homens”. Mas pelo esforço pulsional de, vencendo a repressão dos impulsos primordiais, engendrar meios de satisfação (ou seja, de redução de tensão), e assim, de retorno à experiência primária de quietude e completude. Contudo, como nenhuma realização concreta, seja interna ou de viabilização no mundo, anula a distância entre o prazer exigido e a satisfação efetivamente alcançada, as pulsões estão continuamente com aquela “moção” a ser satisfeita, incitando o sujeito “para frente”, para novas criações e recriações.

Apesar da obscuridade do artigo e das várias objeções ao modelo pulsional “voltado para a morte”, Freud apresenta ali uma versão de um psiquismo mais dinâmico. Os movimentos criativos forjados até aquele momento eram de uma obra de redirecionamento pulsional “acabado”: as pulsões sexuais não podiam ser satisfeitas diretamente e, escapando à repressão, mimetizavam seus objetivos em tendências intelectuais e realizações culturais. E assim estava resolvido aquele embate pulsional: um desvio bem-sucedido, uma obra acabada. No antagonismo das pulsões de vida e de morte, no entanto, a criatividade recebe a conotação de uma ação contínua.

Na medida em que o prazer das realizações criativas nunca repete a mítica completude da satisfação pulsional, há sempre a cota psíquica voltada para novas

criações. Nesse raciocínio, a criatividade tem uma outra tônica: em lugar do desvio pulsional para um símbolo do desejo impossível, a discussão se centra na incompletude humana. O universo de criação se abre para o homem na medida em que ele almeja à plenitude, que sendo um estado mítico, nunca se alcança, e se continua criando, como que vislumbrando a quietude e a felicidade perfeita do Nirvana. A criatividade ganha uma conotação mais ampla que a substituição pulsional. São vestígios do fim maior do humano: a plenitude – as criações são um “quase lá”.

Em *O Ego e o ID* (1923), Freud leva a frente sua última teoria pulsional, fazendo considerações metapsicológicas. Nestes apontamentos, ele parece retomar alguns elementos de *Introdução ao Narcisismo* (1914), tomando o ponto de vista de um ego forte, com controle deliberativo da organização pulsional.

Desse ângulo, o eu estreita suas relações com o id (difusor das pulsões eróticas) e, assim, se torna capaz de negociar algumas escolhas objetais eróticas em benefício próprio. O eu passa a ser objeto de amor do id e sede pulsional. Necessariamente, a transformação da libido do objeto do id em libido narcísica requer a retirada do caráter sexual. Daí então, o eu passa a ser autor da criatividade. Freud chega mesmo a equiparar a mediação do eu à característica fundamental do processo sublimatório, e a atribuir-lhe a delegação dos investimentos posteriores:

“Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo.” (*O Ego e o Id*, 1923)<sup>16</sup>

O intermédio do eu não apenas dessexualiza as pulsões primárias, mas especifica a escolha do objeto e o caminho para seus investimentos. Tal posição coloca o eu na função de distribuição das energias psíquicas, o que estabelece uma posição ambivalente com o Eros. Por um lado, mesmo sublimando a pulsão sexual, o eu mantém-se em acordo com Eros. Isto é, com a finalidade de agregar e

---

<sup>16</sup> Essa afirmação é pontual na obra freudiana. A possibilidade de emanções pulsionais propriamente egóicas (mesmo havendo sido originariamente sexuais) é problemática na psicanálise. O discurso predominante na obra é de um ego alvo de pulsões.

Para esse momento da pesquisa, limitamo-nos a expor essa passagem do pensamento de Freud como uma possibilidade que vem sendo esboçada desde *Introdução ao Narcisismo*, e que nos leva a uma rede metafórica interessante para o conceito de criatividade.

estabelecer a unidade. O exemplo maior é a alteração do próprio eu em favor de processos de identificação com os outros significativos<sup>17</sup>.

Por outro lado, quando o eu se coloca como objeto amoroso do id e dessexualiza suas pulsões, ele trabalha no sentido contrário de Eros. O eu arrefece os impulsos de Eros, deixando o controle da libido para as pulsões de morte (da qual ele mesmo é vítima). Para manter o equilíbrio dinâmico do psiquismo, o eu consente alguns investimentos eróticos do id, tendo, de algum modo, de participar deles. O eu se torna o representante de Eros – concordando com seus investimentos ou sublimando suas pulsões. Ou seja, o eu gerencia tanto as investidas criativas no mundo, como a necessidade de retração a si mesmo.

De toda forma, o eu ganha uma posição central no funcionamento psíquico. Ele faz a medida de cada investimento. Esse novo arranjo metapsicológico traz outra conotação à experiência criativa. Primeiro, a categoria de atividades criativas se amplia. A criatividade se equipara aos investimentos egóicos (Freud chega até a incluir nesse meio a atividade do pensamento). Além disso, retira da sublimação o caráter de um redirecionamento automático. O ego é “cuidadoso”, e faz discernimento dos objetos a serem investidos. Daí, que a criatividade se reveste de originalidade. O redirecionamento pulsional não é uma reedição de sua primeira “intenção” (sexual). Ao contrário, é um investimento legítimo, novo, direcionado, que foi designado pelo eu. A criação sublimatória não prende o sujeito ao seu passado “eroticamente perverso”, mas traz a vivência de autenticidade, de inovação, e de um certo “eu posso”, de um comando da própria história.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> O eu promove, inclusive, uma das identificações fundamentais: a tomada do pai como modelo, responsável pela formação do superego.

<sup>18</sup> Na última série de conferências que Freud profere, ele fala da mobilidade das pulsões, enfatizando a possibilidade da mudança real de objeto (e não apenas de sua meta):

“A evidência da experiência analítica mostra como fato indubitável que os impulsos instintuais provenientes de uma fonte ligam-se àqueles que provêm de outras fontes e compartilham de suas vicissitudes, e que, de modo geral, uma satisfação instintual pode ser substituída por outra. Deve-se admitir, contudo, que não entendemos isto muito bem. As relações de um instinto com a sua finalidade e com o seu objeto também são passíveis de modificações; ambos podem ser trocados por outros embora sua relação com seu objeto seja, não obstante, a que cede mais facilmente. Um determinado tipo de modificação da finalidade e de mudança do objeto, na qual se levam em conta nossos valores sociais, é descrito por nós como ‘sublimação’.” (*Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Conferência 32 – Ansiedade e Vida Instintual, 1933[1932]. Grifos nossos).

A preciosidade desse comentário ulterior de Freud é a possibilidade de mudança de objeto no processo criativo. O deslocamento das pulsões sexuais não acontece apenas em suas finalidades, mas o objeto também é novo. A sublimação não dá apenas uma continuidade a um impulso sexual disfarçado, mas pode se apresentar como um investimento livre de amarras: uma finalidade diferente, e um novo objeto. Assim, a criação recebe um espaço autenticamente seu na vida psíquica. Ela aconteceu porque **aquele** objeto era interessante para o sujeito.

Numa outra perspectiva, dessa vez de viés antropológico, Freud escreve *Mal-estar na Cultura* (1930). Nesse texto, ele desenvolve a teoria de que os homens vivem juntos e constroem uma cultura por necessidade - um “mal necessário”. Para não incorrerem na autodestruição, o tributo final é o mal-estar. Essa teoria traz suas contribuições para o mover criativo no mundo.

Indo no sentido contrário ao desenvolvimento dos interesses individuais, as reivindicações da cultura exigem a mudança de habituais disposições da economia pulsional. Freud cita três mecanismos para esse “processo civilizatório”. O primeiro, contribui com a formação de traços psíquicos voltados para o meio. O exemplo mais notório é do erotismo anal, que se conduz aos princípios subjetivos da ordem, da limpeza e da parcimônia. Um mecanismo mais radical é a não-satisfação da pulsão, por opressão ou repressão. Essa frustração é a causa da hostilidade nos relacionamentos sociais. E o terceiro possível direcionamento pulsional a favor da cultura é a sublimação: a transformação criativa das pulsões em realizações científicas, artísticas e ideológicas.

Diante da assolação da vida em cultura, a criatividade surge como uma das maneiras possíveis para dar maior flexibilidade aos investimentos pulsionais, e assim afastar o sofrimento humano e propiciar alguma satisfação. Dentre os novos destinos criativos, o que pode produzir prazer mais intenso é o trabalho psíquico e intelectual – com dotes especiais para alguns, mas acessível a todos no trabalho cotidiano.

“Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos. Atualmente, apenas de forma figurada podemos dizer que tais satisfações parecem ‘mais refinadas e mais altas’.” (*Op. Cit.*).

Freud observa a tática da reorientação pulsional para realizações criativas intelectuais como uma maneira (alternativa à destruição) de tornar o homem independente do mundo externo, visto que a busca de uma satisfação deste gênero reincide sobre processos internos ao sujeito. A criação intelectual se apresenta como um meio termo entre a vida interna e a realidade externa<sup>19</sup>. É a medida possível para

---

<sup>19</sup> O extremo da distensão do vínculo com o mundo externo seriam as ilusões.

um distanciamento saudável da frustração do mundo externo. Para isso, o que acontece é que as demandas biológicas se revestem de um caráter psíquico – já que não se pode ter a satisfação direta plena, que se criem alternativas psíquicas a ela. Ou seja, diante do sofrimento no mundo, o psiquismo se volta para si mesmo, e reage com a atividade criativa intelectual de trazer elementos que delineiem um ambiente mais aprazível.<sup>20</sup> As demandas pulsionais de satisfação passam a ter um recurso psíquico.

Uma outra forma de aliviar o sofrimento no mundo é a busca do belo, no sentido amplo, “onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento — a beleza das formas e a dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas” (*Op.Cit.*). Assim como as atividades intelectuais, a atitude estética não é eficaz na proteção contra a ameaça de sofrimento. No entanto, é um tipo de compensação à opressão no mundo vigente em qualquer cultura.

Embora não possa explicar “a natureza e a origem da beleza” – seu sentimento contagiante, seu emprego e sua necessidade cultural –, Freud arrisca sua derivação do campo sexual inibido em sua finalidade. “Beleza” e “atração” são atributos secundários do objeto sexual e, portanto, devem ser “redirecionamentos sublimes” do objetivo sexual da pulsão. A criação estética, das cores e das formas perfeitas, é uma maneira de salvaguardar a esperança humana de onipotência erótica.

Uma terceira forma sublimatória de amenizar a frustração é a religião. Seguindo este caminho, no entanto, o sujeito restringe o seu jogo de escolhas e os recursos adaptativos, em lugar de ampliá-los. Isso porque a religião oferece um caminho pré-estabelecido. Ela infantiliza o sujeito, tornando-o dependente de uma promessa “na eternidade”, e o retira deste mundo, deflacionando o valor da vida e montando um “quadro delirante da realidade”. O que resta como consolo é a submissão incondicional aos “desígnios soberanos de Deus”.

---

<sup>20</sup> Neste intento, vale ressaltar uma ponderação freudiana: este espaço criativo da vida psíquica não consegue dar conta de sofrimentos cuja fonte é o próprio corpo. A criatividade é um alívio às intempéries no mundo, apenas. Com esse comentário, Freud reforça um caráter mais existencial da criatividade. Sua função não é tanto o reequilíbrio de energias psíquicas, mas uma maneira de colocar-se no convívio (frustrante) com o mundo.

Essa abertura momentânea para o mundo pode se assemelhar ao pensamento winnicottiano. No entanto, para Freud, a busca da parceria do mundo tem o intento de revesti-lo nos moldes dos desejos individuais. Para Winnicott, essa abertura para o mundo é genuína; diz respeito à construção de identidade do indivíduo (ver capítulo 03).

Enfim, seja qual for o modo a que nos apeguemos, o “programa de tornar-se feliz” nunca será completo. As formulações intelectuais, os deslumbres estéticos e as ascetes religiosas são criações humanas que nos acalentam da aridez do mundo. No entanto, seja buscando o prazer, ou evitando o desprazer, seja voltando-nos ao mundo externo, ou recolhendo-nos a processos internos, nossos esforços nunca calarão todos os nossos desejos.

“Caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção, e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo, evitar o desprazer. Nenhum desses caminhos nos leva a tudo o que desejamos. A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos: todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo. Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. O homem predominantemente erótico dará preferência aos seus relacionamentos emocionais com outras pessoas; o narcisista que tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos; o homem de ação nunca abandonará o mundo externo, onde pode testar sua força. Quanto ao segundo desses tipos, a natureza de seus talentos e a parcela de sublimação instintiva a ele aberta decidirão onde localizará os seus interesses. Qualquer escolha levada a um extremo condena o indivíduo a ser exposto a perigos, que surgem caso uma técnica de viver, escolhida como exclusiva, se mostre inadequada.” (*Op.Cit.*)

Embora sob o tom pessimista com que observa a relação eu-mundo, Freud apresenta algo diferente: a criatividade numa perspectiva existencial. Criar é construir um jeito de viver, um modo de estar no mundo e buscar a felicidade. Embora a satisfação plena seja inalcançável, a criatividade multiplica as possibilidades de prazer e traz, em certa medida, a vivência de um mundo agradável. Criar é afastar um pouco o sofrimento da vida e propiciar a esperança.

### 1.3 A criação num mundo opressor: um emblema e um consolo

Com essa retomada do desenvolvimento freudiano sobre a sublimação, trazemos para nosso estudo a metáfora da criatividade como um desvio.

Na vivência de um mundo que inibe e que frustra os desejos individuais, a criatividade surge como uma reação dos interesses tolhidos e reclusos. Desviando-se das barreiras proibitivas da cultura, a criatividade pode assumir duas tonalidades vivenciais.

A primeira conotação que Freud nos apresenta é da criatividade como um emblema do desejo proibido. “Insatisfeito” com a inibição de seus interesses, o psiquismo trata de “reconfigurar” os seus objetivos, e apresentá-los de maneira tal que passe a merecer o aplauso social. A criação é o símbolo cultural de uma parte de cada um de nós que não pôde ser vivido na crueza de seus interesses mais vis. Nesse sentido, a criatividade é um protesto e uma vitória. Apesar do triunfo deste desvio emblemático, a vivência criativa fica, nesses casos, engessada em um passado inglório, o qual o sujeito continua desejando, sem poder chegar a satisfazer-se completamente.

O outro enredo criativo a que Freud nos leva a pensar segue uma dimensão existencialista. Na angústia de um mundo que lhe oprime, o sujeito busca nas realizações criativas uma maneira de aliviar o sentimento de pequenez e de impotência. A criatividade surge para o sujeito como um consolo (e um traço de esperança) diante da existência sem fulgor e sem plenitude.

## 2 A CRIATIVIDADE COMO ABERTURA PARA O MUNDO

No capítulo anterior, pudemos observar o desenvolvimento freudiano acerca da criatividade. Vimos que Freud atrela a criatividade ao “fazer” algo no mundo. A “obra criativa” está vinculada ao sucesso social que obtém.

Outra característica da aceção freudiana é que a criatividade é um fechamento sobre si mesmo, na medida em que é uma reação ao ímpeto de satisfação dos impulsos primários do sujeito. A realização criativa no mundo é a válvula de escape para as impossibilidades individuais. Esse desvio de energias ora é realizado por uma dimensão a-linguística do sujeito – por uma espécie de “inteligência automática do organismo” –, ora é um recurso simbólico do eu para aliviar a aridez do mundo.

Winnicott não nega estas asserções freudianas. No entanto, atenta para uma dimensão da subjetividade humana que não é regida pelas forças pulsionais. Para ele, a criatividade não parte de “fazer” algo para dar conta de uma “energia psíquica livre”. A fonte da criatividade é anterior ao fazer: primeiro é necessário “ser”. É da apercepção de uma existência real, de um sentimento de valor da vida, que a criatividade ganha espaço no desenvolvimento dinâmico das pulsões. O cerne da discussão winnicottiana se volta para o “eu”. De modo que Winnicott responde ao seu próprio questionamento: “O que é a vida? Não preciso saber a resposta, mas podemos chegar a um acordo: ela está mais próxima do SER do que do sexo.” (1967, p.18)

Além dessa característica de uma psicanálise do ego, Winnicott confere uma outra perspectiva à relação eu-mundo. Em lugar da ênfase num mundo opressor e num sujeito desamparado, seu enredo prioriza as noções de dependência do mundo e de uma tendência do indivíduo a se relacionar com ele. As realizações no mundo não são, portanto, uma descarga das tensões individuais, mas uma “associação simbiótica” do eu com o mundo. A criatividade é um espaço-tempo em que o indivíduo se desfaz de um pouco de “si” e se retoma numa diluição/fusão com o mundo.

Noutras palavras, Freud tem como figura de análise um eu constituído, que se utiliza de subterfúgios criativos para lidar com um mundo que oprime seus impulsos. Winnicott tem a visão de um eu processual, em emergência contínua com o mundo, e cujo sentimento de continuidade existencial se cria nessa parceria. Ele

se volta para uma teoria de desenvolvimento do indivíduo global em relação com o mundo. A criatividade é o impulso de vida que leva a “ser-com”.

Retomemos o encadeamento teórico de Winnicott para uma melhor percepção de suas propostas. Em determinados pontos, fazemos contraposições com a teoria freudiana, para que as divergências sejam melhor compreendidas.

## 2.1 O desenvolvimento de uma abertura criativa para o mundo

Winnicott retoma o desenvolvimento humano na base do “holding” e “handling” do bebê para uma integração de seus atributos anatomofisiológicos e psíquicos numa experiência única de *ser*. Ele parte da premissa de que, inicialmente, “o bebê não existe” - o que existe é um conjunto mãe-bebê que, se tudo vai bem, irá propiciar a ele uma abordagem criativa de si e do mundo que lhe acolhe. A partir de experiências propriamente físicas, o bebê constrói um *self* e delinea uma vida adulta, ou de engajamento criativo na cultura, ou de apatia existencial.

Ele inicia um capítulo sobre os “estágios pré-primitivos do ser” lançando os seguintes alicerces teóricos:

“No início há a não-integração, não há vínculo algum entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-EU. Teoricamente, este é o estado original, não padronizado e não planejado. (...) não há utilidade alguma em pensarmos no novo indivíduo humano como sendo ele a unidade. Nesse estágio, a unidade é o conjunto ambiente-indivíduo (...) Neste estágio tão inicial não é lógico pensarmos em termos de indivíduo, e não apenas devido ao grau de dependência ou apenas porque o indivíduo ainda não está em condições de perceber o ambiente, mas também porque ainda não existe ali um *self* individual capaz de discriminar entre o EU e o não-EU.” (1988, p.153)

Vejamos essa elaboração processual com mais detalhes. Primeiramente, tomamos a descrição em termos da formação da “natureza humana”. Depois, inserimos a discussão sobre a criatividade num vocabulário mais existencial.

De início o bebê é uma realidade psique-soma não-integrada. Ele tem um aparato físico (*soma*), com seu metabolismo funcional próprio, e que é continuamente estimulado, satisfeito e amparado pelo ambiente. Paralelo a esse *soma*, ele tem uma *psique*, que funciona como um registro (1) de elaborações

imaginativas das funções corporais<sup>21</sup> e (2) do acúmulo de memórias que liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa de um futuro.

Com uma experiência de responsividade ambiental (mãe) suficientemente boa<sup>22</sup>, o bebê vai acumulando sensações de quietude e de caos alternativamente; momentos de satisfação de suas necessidades corporais e momentos de algum desequilíbrio homeostático. Aos poucos, isso vai lhe conferindo períodos cada vez mais longos de um sentido de eu, até que essa sensação de unidade se torna um fato. Os dois registros de si – psique e soma – passam por um processo de integração. Ou seja, o momento inicial de um impulso motor indiferenciado tende a constituir uma unidade psique-soma diferenciada do objeto (processo de personalização) através da resistência física do ambiente ao seu corpo. Só então, aquela força não-direcionada se integrará na unidade psique-soma, caracterizando um eu e seus impulsos (pulsões).

Para Winnicott, esse *self* originário é um atributo de todo animal. Neste momento ainda não há uma reflexão sobre si. Aqui, vida corresponde à integralidade psique-soma, ou seja, a um corpo “habitado” que age construtivamente com o mundo.

Devido à adequação quase completa da mãe às necessidades do bebê, a partir desse sentido de unidade e continuidade do ser psique-soma emerge uma nova realização de si. Vai se criando no bebê uma apercepção de existir e uma ilusão de onipotência. Ele “é” o mundo. Esse é o berço de um posicionamento criativo diante da vida, ao qual toda a ação psíquica posterior irá remeter.

Só que, com as recorrentes (e necessárias) falhas de adaptação da mãe ao bebê e com as brincadeiras que se encenam nessa relação, sua onipotência vai

---

<sup>21</sup> Nesta fase não há nenhuma atuação pulsional porque não há uma consciência de si (*self consciousness*). A elaboração imaginativa das funções corpóreas não envolve, portanto, prazer orgástico, é uma fantasia quase-física, uma apercepção de que “algo funciona e parece que tem um sentido” (*self awareness*).

<sup>22</sup> Embora já seja um conceito bem conhecido, é interessante frisar o que seria uma *mãe suficientemente boa*.

Esta função, concretizada na figura materna, se coloca em nível de sensibilidade às necessidades da criança. Seu exercício *suficientemente bom* seria o preenchimento de tais necessidades, primeiramente corporais e posteriormente, egóicas, “quando começar a surgir uma psicologia a partir da elaboração imaginativa das experiências físicas” (Winnicott, 1956)

No tocante ao estabelecimento do ego (e de suas necessidades), Winnicott coloca como base a quantidade de responsividade física da mãe (suficientemente boa), provendo ao bebê uma vivência de “continuar a ser”. Só posteriormente é que mãe e bebê passam a uma relacionabilidade egóica, pessoa-pessoa.

Desse modo, as eventuais falhas iniciais da mãe não são percebidas como dela, mas como ameaças à existência pessoal do bebê. Assim, a primeira organização egóica vem das ameaças de aniquilação do “continuar a ser” (sem levar à aniquilação), das quais o bebê repetidamente se recupera. Dessas experiências, se inicia a confiança na recuperação, o que levará o ego a ser capaz de lidar com a frustração.

sendo frustrada e, na medida em que ele possa suportar, a realidade externa lhe vai sendo apresentada. Essa é a passagem do “tudo ser” onipotente e indiferenciado, para um “eu sou e, opondo-se a mim, há um não-eu”.

Essa “nova” condição de vida interno x externo que vai sendo colocada ao bebê exige uma reorganização daquele funcionamento psique-soma a-reflexivo. A inadequação da vivência onipotente às intrusões ambientais gera uma nova expressão de si: a mente.

Com o recurso mental as falhas de sentido de unidade são minimizadas; o organismo disponibiliza o instrumento “mente” para tornar o mundo externo compreensível e habitável. Em outras palavras, a mente vem estabilizar o mundo do indivíduo – transformar o ambiente suficientemente bom em ambiente perfeito. É o êxito adaptativo de tolerar o mundo e de ser ativo diante dele. Em lugar da vivência onipotente mal-sucedida, estabelece-se uma relação com o mundo de complacência, retaliação e criação.

O mental, através de seus recursos simbólicos, devolve ao bebê a potencialidade de tomar a si mesmo como referencial de sua história. Entre o “eu” e o “mundo” emerge a esfera intermediária dos símbolos, um processo de posse do não-eu que delinea um modo de se lançar fora de si e se encontrar, fazendo no mundo uma marca de si mesmo. O mental oferece a vivência transformadora de ser e de (se) fazer.

A partir dessa apercepção de vida integral eu-mundo, a vivência de saúde ou doença vai depender, novamente, do cuidado ambiental. Desde aquele sentido de eu fundante até o seu desenvolvimento mais tardio, o acolhimento do mundo à ação individual é o divisor de águas entre uma vida de realizações simbólicas criativas, em que o indivíduo se apercebe em união com o mundo, e uma vida fútil, vazia de sentido de existência.

Nesse âmbito, as realizações criativas são fruto de um ambiente que proporcionou ao bebê uma vivência de estabilidade (de si e, conseqüentemente, de mundo). Pautado na experiência inicial de integralidade e de confiança, estabelece-se entre o indivíduo e o mundo um *playground* de enriquecimento. O mundo é vivido como um fruir de experiências que “casam” os objetos e fenômenos da realidade externa ao potencial onírico do indivíduo, possibilitando um universo simbólico-vivencial de confirmação de sua existência.

A criatividade relaciona-se com uma inclinação para o mundo, com um *sentir-se vivo*, presente, em cada experiência vivida. É uma abordagem da vida como uma realidade a ser (re)descoberta e (re)criada.

“Está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir, e pensa em termos do material a ser utilizado, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma e o mundo seja testemunha dele.” (Winnicott, 1971:100 – grifos nossos)

Essa apercepção criativa de si no mundo pode ser claramente contrastada com uma outra abordagem da vida: um relacionamento de submissão ao externo, em que o mundo é reconhecido somente como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação. O campo intermediário da experimentação da vida integral eu-mundo não foi suficientemente bem-sucedido, e o indivíduo não dispõe de símbolos de união nessa relação. O ambiente foi mais “hostil” do que a capacidade mental do indivíduo de acolher suas resistências. Esse constrangimento leva à apatia, ao sentimento de inutilidade diante da vida, ao vazio de *apenas* existir; é a base da doença.

Nesse estado de impotência o indivíduo não é capaz de tomar a si mesmo como eixo de sua história. Sua vida se restringe a defesa aos “ataques” do externo e a submissões às referências de outras pessoas. Sem a experiência de auto-criação do/no mundo, as fronteiras de si são vulneráveis, não há um *status* de unidade pessoal e, conseqüentemente, não há um lastro seguro para uma vivência positiva da vida (ou seja, para um sentimento de existência real).

Com essa descrição, percebemos o lugar em que Winnicott localiza a criação. Ela está presente desde os primeiros esboços psíquicos. Antes de qualquer prodígio no mundo, a criatividade é o caminho pelo qual acontecem as propriedades mais incipientes da natureza humana: o “eu” situado simbolicamente num corpo, e o reconhecimento de um mundo como externo a si.

O organismo, primariamente indiferenciado, é impulsionado a se relacionar com o ambiente, e nessa relação, cria e recria sua “natureza”, numa contínua realização de si.

Nessa acepção, o que se “faz” no mundo são criações de “si mesmo”, são maneiras inovadoras de experimentar-se no inusitado do mundo. A relação com o não-eu (que é sempre mutável) faz emergir novas criações de “eu”, que por sua vez, realiza a sua marca de identidade nestas novas condições ambientais.

Vemos então, que as características que tomamos como propriamente humanas, a saber, a capacidade de reconhecer a si mesmo como sujeito de ação, e a atribuição de símbolos ao mundo (o que delegamos ao campo do “mental”), são possíveis graças à permeabilidade que o organismo apresenta ao mundo. Somente quando o *psique-soma* começa a ser habitado por “um mundo”, é que o organismo se integra na formação de uma *pessoa*, e se torna capaz de realizações simbólicas sobre o mundo.

A abertura do indivíduo para o mundo propicia-lhe agir (criar, inovar) sobre a parcela de si mesmo que está fora do envelope corpóreo, e construir a realidade externa que está “dentro” de si.

Organizando esse discurso metapsicológico em termos de relação de objeto, podemos identificar três etapas que vão se justapondo na constituição do sujeito.

No primeiro momento, em que o bebê ainda não é capaz de diferenciar “eu” e “não-eu”, ele depende inteiramente da adaptação do ambiente às suas necessidades. Havendo uma responsividade “suficientemente boa”, ele experimenta uma onipotência absoluta.<sup>23</sup> Esse é o momento que Winnicott chama de criatividade primária: **os objetos do mundo são subjetivos ao bebê** – o mundo está ali, esperando para ser criado por ele. À medida que surgem necessidades, o objeto se presentifica como que por criação do bebê.

Com as recorrentes falhas de adaptação da mãe, o bebê vai perdendo sua onipotência absoluta e os objetos do mundo começam a lhe ser apresentados. Nesse momento, realidades interna e externa se confundem; estão ligadas e separadas. Não sendo o próprio bebê, não chegam, do seu ponto de vista, a ser um não-eu. Essa é a área dos **objetos transicionais**. Nesse espaço de experiência com o mundo, o bebê transita entre a criatividade primária e o reconhecimento do outro como separado do eu. Essa é a relação que propicia o engajamento criativo no

---

<sup>23</sup> Essa onipotência diverge daquela que atribuímos ao campo das patologias. Neste momento, o bebê experimenta uma onipotência real, graças à adaptação da mãe às suas necessidades. A relação do bebê com o mundo (adaptado a ele) lhe propicia um viver onipotente. Já a onipotência patológica é um desligamento do mundo através dos devaneios. Essa vivência onipotente pertence à desesperança de uma existência real no mundo, e não à dependência.

mundo, dado que o bebê reconhece o mundo como parte de si e, ao mesmo tempo, independente de suas fantasias. Já que o mundo não é “aquele” de sua onipotência, o bebê se engaja em criá-lo.

Neste espaço, os bebês estão sendo constantemente *curados* pelo mimar da mãe, que acolhe suas primeiras representações de mundo e lhes repara a estrutura do eu. Nessa reparação/ confirmação egóica, o bebê restabelece a capacidade de se equipar de símbolos de união; e, mais uma vez, ele permite a separação concreta da mãe – seu objeto de segurança – e beneficia-se com esse intervalo, criando seu mundo.

Essa abertura para o mundo é o berço para o sentimento de se sentir real, com uma existência repleta de significado pessoal. Essa apercepção primitiva de SER vai organizando uma abordagem de vida singular, de acordo com a sustentação que o ambiente lhe oferece.

“Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê.” (Winnicott, 1971:102,103)

Quando o mundo provê o acolhimento da “emergência do ser”, o bebê experimenta a confiança no mundo e se sente apto a engajar sua potência de vida em realizações no mundo. Neste caso, o “fazer” é uma fruição do “ser”. O bebê faz do mundo seu parceiro na criação de uma “vida que vale a pena”, com significado pessoal e integração com o ambiente. Na realidade transicional o mundo subjetivo e o mundo objetivo se adicionam. A realidade externa é *enriquecida* – e não *contraposta* – com a ilusão onipotente da realidade dos desejos.

Contudo, existem casos em que essas primeiras aberturas do bebê para o mundo não são bem acolhidas, e ele responde a essa indiferença gastando suas energias em chamar a atenção da mãe (ambiente). Ele se sente “obrigado a fazer”, na tentativa de conquistar o mundo como testemunha de sua existência. Ou seja, ele se relaciona com o mundo por reação. O seu espaço de trânsito no ambiente é de insistência em ser reconhecido. Isso é diferente da experiência do bebê que é bem

acolhido no espaço transicional, em que sua ação no mundo é expressão espontânea de sua potência criadora.

Como estamos enfatizando os modos “saudáveis” de realização criativa, nos detivemos ao segundo modo de experimentar a relação com o mundo. Fica claro, no entanto, que aquelas realizações reativas, sem enriquecimento existencial, são também fruto da abertura do bebê para o mundo, só que com um acolhimento mal sucedido.

E, finalmente, após uma vivência de objetos subjetivos, e de uma experiência transicional entre o eu e o não-eu, o bebê se torna capaz de reconhecer os **objetos objetivos** do mundo compartilhado, e ter um sentimento de realidade exterior. Isso só acontece se os objetos transicionais do bebê houverem sobrevivido aos seus impulsos de vida (que podem ser destrutivos) sem retaliar sua expressão. Assim, ele passa a poder usar o objeto como externo a si, e lançar investimentos pulsionais sobre ele, se sentindo responsável pelos seus atos e apropriando-se da criação de sua história.

Em poucas palavras, é do acolhimento e da estabilidade do mundo, que o bebê ascende ao delineamento de um eu e de um mundo como realidades distintas. Mas, antes, é necessário que este mundo tenha feito parte do bebê, porque o permitiu dissolver-se nele. Experimentar uma vida criativa está ligado ao reconhecimento de um “eu” que depende do mundo para sentir-se EU MESMO. Esse sentimento de existência é a posição básica a partir da qual fluem as realizações no mundo.

## 2.2 As relações de objeto e a vida na cultura

Os três modos de relação com o mundo se apresentam em sucessões para o bebê. No entanto, seguem contiguamente na vida adulta. Ora o indivíduo está mergulhado em suas fantasias e ilusões onipotentes, próprios dos domínios subjetivos, ora está desprendido de si e habitado pela objetividade do mundo externo. E, na saúde, na maior parte do tempo o indivíduo se situa na transição entre esses dois “mundos”, contemplando a própria existência através de suas realizações no mundo.

“A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas.” (Winnicott, 1967, p.10).

Os fenômenos e objetos transicionais disponibilizam ao indivíduo uma solução que não destrói a onipotência de suas fantasias no encontro com o mundo, pois eles não exigem o sufocamento de nenhuma das realidades. Antes, marcam a passagem de uma relação de onipotência (unilateral – seja lá de que lado for) para uma relação por manipulação (mútua: eu ↔ mundo).

Na acepção winnicottiana, portanto, cultura e criatividade não é, respectivamente, uma instância proibitiva e frustrante, e um modo de atenuar as limitações individuais. Ao contrário, a cultura é facilitadora do crescimento pessoal. Somente quando o indivíduo se expande para a vida cultural, é capaz de encontrar a si mesmo e a sua independência (através do reconhecimento da dependência). A experiência cultural se localiza no interjogo entre a originalidade individual e a aceitação da tradição para, assim, o mundo “ser testemunha” de sua potência criativa e, simultaneamente, “ser ele mesmo”, dado que ele se apropria do mundo que criou.

Nessa perspectiva, a condição humana no mundo não é, fundamentalmente, traumática. Ela pode vir a ser ou não. O “princípio da realidade” pode tanto enriquecer a fantasia e fazer germinar movimentos criativos, como pode subordinar e limitar. Isso vai depender da qualidade do acolhimento ambiental, se ele rompe ou não com o sentimento de continuidade do “ser”. Se a contenção do ambiente aos ímpetos individuais sobrepujar sua capacidade de continuar se reconhecendo no mundo, daí sim, se estabelece a barreira da impossibilidade, da castração. Mas, nesse sentido, o trauma não diz respeito a uma hostilidade essencial do mundo, mas ao seu fracasso em acolher a dependência do indivíduo. A vivência do desamparo é uma contingência do fato de depender do mundo.

Em suma, a experiência cultural é o desenvolvimento do lugar de aconchego e sustentação do colo materno primordial. Ali o indivíduo pode apoiar-se nos momentos de desintegração, sentir-se confiante de si, seguro para perder suas fronteiras com o mundo, e permitir a fruição de sua espontaneidade criativa.

“O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo.” (Op.Cit.: 142)

### 2.3 Criatividade: expansão de si para uma parceria com o mundo

Numa perspectiva bastante diferente de Freud (do mundo como oponente), Winnicott nos apresenta uma relação eu-mundo de unidade/complementariedade. A criatividade é expressão de uma potência de vida. Seu aflorar depende de uma capacidade que se conquista ao longo do desenvolvimento, e que gera uma apercepção de existência, da qual fruem as realizações no mundo.

A base winnicottiana para o movimento de criação surge a partir de uma vivência real de acolhimento no mundo. Havendo essa experiência acolhedora, o indivíduo conquista (1) o sentido de “ser” uma pessoa, (2) e a confiança de ter o mundo como seu parceiro. Constituída essa aliança eu-mundo, passa a haver uma terceira área de existência, entre o subjetivo e a realidade externa, em que essas aparentes polaridades se imbricam no movimento criador de uma realidade pessoal. Por conta disso, a ênfase winnicottiana não está nas obras acabadas, mas no jogo de experimentação de Ser-e-Fazer-com-o-mundo uma história na qual o indivíduo se percebe criando o enredo de seu próprio *Going on Being*.

Esse espaço potencial, de criatividade, é a área em que se produz o prazer de viver, e viver no mundo, com o mundo – fazendo arte, religião, trabalhando, fazendo revolução, forjando a natureza do universo ou varrendo a calçada. Seja um feito “sublime” ou não, tenha ou não reconhecimento social, a criatividade é um espaço na vida psíquica em que o indivíduo se apercebe existindo, e existindo num mundo que lhe é conhecido (porque foi ele quem criou).

E, por outro lado, no que concerne ao “mundo”, a realidade partilhada, entendida no viés winnicottiano, pode ser vista como um “compartilhamento de ilusões” (Phillips, 1988, p.119). A experiência cultural é a sobreposição de criatividades individuais, e resulta na grata apercepção de sentir o lugar em que se vive como “meu”.

Vemos, então, que a relação eu-mundo winnicottiana é o inverso da posição essencialista ortodoxa. Para Winnicott, não somos um “eu” originário que cria e mobiliza um social; mas, emergimos de um coletivo que se individualiza na apropriação pessoal. Somos “nós” antes de ser “eu”. E essa experiência de ser “nós” é que torna o indivíduo capaz de criar a sua vida e construir a vida coletiva. Em lugar de adotar como modelo uma gratificação alucinatória do passado, a utilização dos objetos e fenômenos transicionais aponta para o indivíduo um futuro de criação de novos objetos de satisfação.

Winnicott nos atenta, portanto, para uma vivência da criatividade como uma abertura para o mundo. A criação é um espaço de parceria e ação com o coletivo, um universo de cumplicidade e identidade.

O indivíduo se volta para o mundo e realiza coisas nele, pelo “simples fato” de que ele depende do mundo para se constituir uma *pessoa*. E, parafraseando Winnicott, se a dependência realmente significa dependência, a história de um indivíduo não pode ser escrita apenas em termos individuais. Tem de ser escrita também em termos da provisão ambiental, que atende a dependência ou que nisso fracassa (1971:102).

O ambiente está ali, se oferecendo para que o indivíduo expresse seu potencial, e para que com seu apoio, possa ter uma existência real. Sem o lastro do mundo, o indivíduo seria um fluxo aberto e indiferenciado.

E, por sua vez, o indivíduo está, desde sua organização mais primitiva, em contínua abertura para o mundo. Isto porque a sua constituição é ser-com-o-mundo. O eu não é um “ponto” com setas direcionadas para “o externo”. Sua “geometria” parece mais a de um espiral que envolve idas e voltas no mundo. As realizações no mundo são realizações de si. O interjogo eu-mundo participa, sim, da organização egóica. O que o indivíduo cria no mundo é um si mesmo que não se encerra no envelope corpóreo, mas que se estende à ação de experimentar-se. Ou seja, “fazer no mundo” é um “eu” que não obedece a padrões de “funcionamento do ego”, mas que se consolida a partir de “experiências do ego”.

“Se essa área [dos fenômenos transicionais] for imaginada como parte da organização do ego, teremos aqui uma parte do ego que não é um ego corporal, que não está fundada no padrão de *funcionamento* corporal, mas nas *experiências* corporais. Tais experiências são próprias da relação de objeto do tipo não orgiástico, ou do que pode ser chamado de capacidade de relacionamento do ego (*ego-relatedness*), no local em que se pode dizer

que a *continuidade* está cedendo lugar à *contigüidade*". (Winnicott, 1971:140).

As criações no mundo não são "externalizações" de um eu para uma "realidade estranha". São, antes de tudo, um prolongamento do eu, que segue a sua tendência ao relacionamento. É nas realizações criativas que o indivíduo experimenta a integração de seu ser total, eu e não-eu ("eu corporal" e "eu mundano"), e se apercebe com um sentido de vida.

Com essas características, de um eu que se funde ao não-corporal, e de um mundo que acolhe as manifestações individuais, Winnicott nos apresenta o enredo metafórico da criatividade como abertura e continuidade de si.

### 3 FREUD, WINNICOTT E OS ENREDOS DE SUAS METÁFORAS

Nos capítulos anteriores discorreremos sobre algumas possibilidades de entendimento da esfera criativa da vida oferecidas pelas teorias freudiana e winnicottiana.

Como vimos, a tônica de Freud para a criatividade é a de um “desvio” de interesses. Sendo o destino de algumas pulsões satisfações “vis”, “impróprias” ou “indesejáveis”, elas esbarram nas exigências de censura psíquica. Como via de escape, uma das vicissitudes possíveis para a energia livre é o investimento na vida cultural. Ora esse desvio aparece como uma máscara dos desejos primários, ora surge como um consolo diante da frustração no mundo, e uma esperança de plenitude.

A teoria winnicottiana aborda o tema com outro enfoque. Winnicott privilegia uma dimensão humana anterior aos empreendimentos pulsionais freudianos. É um espaço da vida em que a separação eu/mundo é diluída num “ser-eu-mundo”. A criatividade flui dessa experimentação de unidade com o mundo. O fazer criativo é uma extensão da identidade do eu para o mundo. Daí a metáfora da criatividade como uma abertura para a vida.

Na herança freudiana as principais articulações do psiquismo são as pulsões – que lutam por demandas isoladas – e o inconsciente. Winnicott propõe que essas pulsões fragmentárias de um “eu freudiano” sejam redimensionadas num *self* unitário. Em vez da polimorfia de interesses, haveria um impulso único que visa ao desenvolvimento global do indivíduo com o mundo particular em que vive.

Dito isto, dedicamos este capítulo ao intento de compreender ambos os enredos metafóricos, trazendo aqui e ali continuidades e descontinuidades entre as premissas de pensamento dos dois autores. A partir disso, podemos discutir as possibilidades de uso de um ou outro campo semântico nos casos particulares.

Antes de tudo, devemos ter o cuidado de contextualizar os campos discursivos em que Freud e Winnicott escrevem sobre a criatividade. Suas metáforas criativas não devem ser colocadas num mesmo plano de discussão. Isso porque as tramas conceituais não são exatamente comparáveis.

Quando Freud tematiza a criatividade, ele aborda as criações como revelações dos conflitos internos e da história psicosexual do autor. A atenção

recai, portanto, para o conteúdo simbólico das produções, como um sintoma a ser psicanalisado para que o sujeito se aproprie de sua história. Neste sentido, vale a pena a transcrição de um trecho de sua análise do processo psíquico dos escritores criativos:

“Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga.[...] Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor — ênfase talvez desconcertante — deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil.” (Freud, 1907)

O conceito de sublimação criativa gira, então, em torno de um eu estruturado que lança investimentos idiossincráticos sobre o mundo dos objetos externos. Tanto é assim, que as considerações freudianas em relação à criatividade tematizam aspectos conceituais sobre a natureza do objeto de sublimação, o requinte do material resultante e a participação egóica no processo sublimatório (ver capítulo 01, pp. 20,21). A preocupação freudiana é quanto à qualidade da investidura simbólica do mundo. A criatividade é frisada como uma defesa contra os afetos exacerbados, de modo que esses sejam redistribuídos em mecanismos mais aprazíveis socialmente.

Neste enfoque, eu/mundo são realidades heterogêneas, e o envolvimento criativo do eu com o mundo é de um jogo de uso dos objetos externos para “suprir uma falta” dos prazeres mais primitivos do sujeito. Há um fosso entre o mundo real e o imaginário. *A criatividade se apresenta como um recurso que tenta atender às exigências contraditórias dos dois domínios, com o esforço de salvaguardar a singularidade dos afetos do sujeito diante de um mundo opositor.*

Sobre o horizonte psíquico dos processos de criação, Freud escreve:

“O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.” (Op.Cit., grifos nossos)

Outro ponto diferenciador é que, na obra freudiana, a palavra-chave que gravita na satisfação pela criatividade é gratificação. E como gratificação, a criatividade é derivada do acobertamento de uma satisfação pulsional primária. Ou seja, a criatividade é um prazer repletivo (porque advém de uma falta) e associativo (porque se refere a uma realidade subjacente). Como resposta à perda do objeto desejado, se a satisfação total fosse possível, o sentimento decorrente da criatividade seria a completude.

Winnicott concebe a criatividade num outro espaço de significação da vida. A criação não é uma mostra simbólica dos desejos individuais, ou uma satisfação parcial que encobre uma realidade psíquica primária. O pressuposto de um “eu-majestade” que convoca o mundo para sua gratificação é substituído por um eu que tem sua identidade no mundo, e que depende inteiramente do mover criativo para a sua integração como pessoa.

Quando Winnicott escreve sobre *A Localização da Experiência Cultural* (1971), ele apresenta suas reservas à posição freudiana da criatividade como um subterfúgio pulsional:

“É de notar que os fenômenos aqui descritos não possuem um sustentáculo instintual, em que o elemento orgiástico desempenha papel essencial e onde as satisfações estão estreitamente vinculadas ao clímax. Mas esses fenômenos que têm realidade na área cuja existência estou postulando pertencem à *experiência* da relação de objeto. (...) Esses fenômenos da área lúdica possuem variabilidade infinita, em contraste com a relativa estereotipia dos fenômenos que se relacionam quer ao funcionamento corporal pessoal quer à realidade ambiental.(...) Percebemos agora que não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. Na verdade, as gratificações instintuais começam como funções parciais e tornam-se seduções, a menos que estejam baseadas numa capacidade bem estabelecida, na pessoa individualmente, para a experiência total, e para a experiência na área dos fenômenos transicionais. É o eu (*self*) que tem de preceder o uso do instinto pelo eu(*self*); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar.” (pp.136,137 – grifos nossos)

Diferentemente de Freud, portanto, Winnicott insere a criatividade numa experiência prévia às deliberações pulsionais; num sentimento primário de SER EU MESMO. Nesse campo da vida, os limites eu/mundo estão dissolvidos no *playground* transicional, de um fluxo espontâneo de fazer uma marca de si no mundo, e ser marcado por ele. *O impulso criativo aparece como uma conciliação dos dois mundos num espaço de continuidade dos “eus” que habitam dentro e fora de si.*

A criatividade faz um momento de descanso entre as antinomias do mundo das coisas e do mundo das representações internas, mostrando-se como um sentimento de vitalidade e vigor em meio a esta tensão.

As oposições do mundo externo aos desejos individuais (que inevitavelmente acontecem – não como uma entidade opressiva, mas pela experimentação dos limites materiais mesmo) são conjugadas de maneira tal que o sujeito se torna capaz de acolher mudanças em si, e transformar a realidade que o envolve. É nesse “vai-e-vem” que o sujeito constrói sua singularidade, e segue num engajamento criativo com o mundo que lhe proporciona novas malhas de ilusões e desejos. O indivíduo pode perder algumas ilusões (e perde!), mas não a capacidade de se iludir (e realizar). A criatividade é, desse modo, o próprio impulso ininterrupto de apresentar-se “vivo” para o mundo.

O campo conceitual das criações winnicottianas envolve, enfim, um “ser-eu” – e não uma obra esporádica do eu (como em Freud). Para Winnicott, as criações são realizações de si. A identidade pessoal e a obra concreta no mundo são indiscerníveis.

Na perspectiva winnicottiana, ao enriquecer o mundo com gestos criativos, o sujeito pode até vir a produzir algo de notoriedade social. No entanto, o engrandecimento da criação não é o fundamental. Aliás, na maior parte do tempo, mesmo para os artistas mais renomados, sua criatividade fluirá silenciosa no cotidiano. O enaltecimento social da realização criativa é uma decorrência eventual da positividade da ação de desenvolver, complexificar, pluralizar e manter viva a identidade expressiva do eu com o mundo.

Nas palavras de Winnicott:

“Eu espero que o leitor aceite uma referência geral à criatividade, evitando que a palavra se perca na criação bem-sucedida ou aclamada, mas mantendo-a com o sentido que se refere ao colorido amplo da relação com a realidade exterior (...) é necessário, como já afirmei, separar a idéia da criação, das obras de arte. É verdade que uma criação é um quadro, uma casa, um jardim, um vestido, um penteado, uma sinfonia ou uma escultura; tudo, desde uma refeição preparada em casa. Dizendo melhor talvez, essas coisas podem ser criações. A criatividade que me interessa aqui é uma proposição universal. Relaciona-se ao estar vivo (...) O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente em *qualquer* pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – que se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com

fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical.”  
(1971, pp. 95-100)

Desse modo, se para Freud o termo-base da criatividade é gratificação, para Winnicott o ponto nodal é a experimentação. E como “ação de experimentar”, a criatividade é um prazer genuíno, que se delicia na contemplação das relações e correspondências das formas que conjugam o eu-mundo, e que fazem a vida significativa (*meaningful*). *A criatividade é, ela mesma, condição e meio para a vivência dos afetos*. O sentimento que permeia a criatividade é de continuidade expansiva, de dignidade e de valor da própria existência.

Para Winnicott, a satisfação na realidade externa não se viabiliza pela descarga dos desejos individuais. O prazer na realidade “não-eu” implica a conquista da maturidade do desenvolvimento emocional, de socializar o seu “eu”, e identificar-se com o lugar em que se vive, no leva-e-traz da aceitação e da mudança.

Fica claro, portanto, que as considerações de Freud e de Winnicott sobre a criatividade não são exatamente equiparáveis. Freud se concentra no *usufruto* dos objetos do mundo para satisfações criativas dos desejos do sujeito. Winnicott se dedica ao campo da *relação* eu-objetos em que a experiência se satura na mutualidade da ação criativa. Em síntese: para Freud: retorno, consumação, gratificação; para Winnicott: (re)começo, inauguração, experimentação. Freud fala do uso do mundo pelo sujeito – o sujeito “faz” uma criação. Winnicott fala da constituição do sujeito – ele próprio “é” parte da criação.

Dito isto, apresentamos dois aspectos que permeiam as obras de Freud e Winnicott e que os conduzem a horizontes metafóricos distintos. O primeiro apresenta a concepção de mente a que cada um se reporta. O outro coloca em pauta o engajamento do corpo nos processos criativos.

Vamos ao tópico dos conceitos de vida mental.

### 3.1 A concepção de mente – a criatividade das idéias e a criatividade da ação

Abstendo-nos dos comentários sobre a atmosfera científica, social e cultural em que os autores produziram suas teorizações, é digno de nota o conceito de mente de que cada um estava embebido. Cada qual fomenta a especificidade do conjunto de fenômenos criativos a que eles se debruçaram.

Freud se concentra num conceito de mente habitada por representações psíquicas. Todo o desenrolar da vida gira em torno dos caminhos e parcerias a que esses constructos ideativos se apegam, e do modo como escapam das limitações que o mundo lhes impõe. Já Winnicott, prioriza a mente como atividade, em seu caráter plástico de estimular-se na relação com o mundo, de criá-lo, e de se renovar com ele. A mente é um espaço de ação com o mundo – é onde o indivíduo pode transformar suas diferenças com o mundo em conciliações de enriquecimento mútuo.

Antes de detalharmos as peculiaridades metapsicológicas dos autores, passemos a uma rápida categorização das perspectivas de estudos sobre a mente.

Diante dos estudos que envolvem a relação mente/corpo, pode-se perceber algumas tendências teóricas gerais. A primeira delas é a que podemos chamar de dualista – mente e corpo são duas entidades diversas. Cada uma exige suas próprias premissas de estudo em que, no máximo, possam se fazer paralelos alusivos uma à outra. São duas naturezas que compõem o conjunto-homem. Elas interagem, mas não se influenciam.

Uma outra posição sobre o tema mente/corpo denominamos de fisicalista reducionista – o mental é uma “fumaça” do físico, que só pode ser conhecido e manipulado por meio deste. O mental advém do físico, no entanto, é uma entidade estranha à materialidade que o criou. Um fantasma na máquina. A mente tem origem física, mas suas leis de funcionamento são independentes da corporeidade que a suporta.

Opondo-se a essas ontologias dualistas, que excluem a metafísica da mente da metafísica do corpo (e vice-versa), há um posicionamento holista/monista. Mente e corpo são uma única realidade que aparece evolutivamente em tempos distintos. A mente não é um epifenômeno do corpo, mas seu próprio funcionamento - uma propriedade emergente da unidade biológica que, no entanto, não se reduz fenomenologicamente a ela. Mental e corporal são processos contínuos, mas heterogêneos. A relação mente/corpo seria como um instrumento musical: tem sua materialidade e seu sonar – ambos existem simultaneamente, mas um não se confunde com o outro. Neste sentido, mente e corpo deixam de ser categorias substantivas, para se tornarem adjetivações de propriedades humanas. A utilidade da distinção mente/corpo, portanto, é apenas de caráter pragmático. É o chamado dualismo metodológico. Falar em mental e corporal não implica diferenciações

ontológicas ou leis de causalidade, mas diferentes descrições; apenas diferentes recursos de vocabulário para localizar o homem no mundo<sup>24</sup>.

Dito isto, retomemos Freud e Winnicott, apresentando as concepções de mente de que dispunham para a elaboração de suas teorias sobre os feitos criativos.

### 3.1.1 Freud: a criatividade do “mundo das idéias”

Freud, mergulhado num universo dualista de pensamento, parece estar inserido entre as duas primeiras tendências teóricas que apresentamos. O seu entendimento é de uma mente que funciona em paralelo com o corpo. A existência das duas entidades é independente, embora sejam mutuamente influenciáveis. Ele privilegia a “mente” segundo a concepção romântica clássica - como o mundo das idéias. Freud substancializa uma mente, que encerra a morada de toda a nobreza e sordidez humana, e opõe a um corpo “burro”, que é um suporte a ser domado e silenciado diante das exigências do mundo e dos ideais de eu. Daí os duelos mente etérea x corpo vil.

Numa passagem da análise da capacidade criativa de Leonardo da Vinci (1910), em que Freud apresenta os limites de seu estudo psicanalítico, ele deixa transparecer sua perspectiva de um corpo-suporte e de uma estrutura mental que o habita e interage com ele, mas que lhe tem uma natureza estranha:

“Deixamos, portanto, estas duas características de Leonardo que não podem ser explicadas pela psicanálise: sua tendência muito especial para a repressão das pulsões e sua extraordinária capacidade para sublimar as pulsões primitivas.

As pulsões e suas transformações constituem o limite do que a psicanálise pode discernir; daí em diante cede lugar à investigação da biologia. Somos obrigados a procurar a fonte da tendência à repressão e a capacidade para a sublimação nos fundamentos orgânicos do caráter, sobre o qual se vem erigir posteriormente a estrutura mental. Já que o talento artístico e a capacidade estão intimamente ligados à sublimação, temos de admitir que

---

<sup>24</sup> Nessa perspectiva a categoria corpo não se reduz ao funcionamento anatomofisiológico. A corporeidade abrange a dimensão do “corpo vivido”, da fenomenologia merleau-pontiana. Além do padrão homeostático, inclui uma intencionalidade própria, adquirida na sua relação com o mundo. A materialidade corpórea inclui a inscrição do sujeito no meio em que vive, produzindo atos com sentido. Ou seja, a própria consideração ao corpo inclui em si o psíquico; são indissociáveis.

Para um estudo mais detalhado sobre as relações corpo-mente, ver COSTA, 2004, pp.55-88.

Como este trabalho não prioriza o estudo sobre corporeidade, expomos o tema apenas o suficiente para que se esclareçam as particularidades dos conceitos de mente e de corpo nas teorias freudiana e winnicottiana, e suas conseqüências na concepção de criatividade.

a natureza da função artística também não pode ser explicada através da psicanálise.”

Fica claro que Freud presume uma vida mental à parte do funcionamento corporal. A mente tem suas relações com o corpo, mas segue suas regras próprias, e que são passíveis de um estudo independente.

Além de ser uma natureza à parte do corpo, o conceito de mente com o qual Freud trabalha alude a uma estrutura central, organizadora das energias ligadas aos múltiplos interesses do sujeito. Tais “interesses” se apresentam como “representações”. A mente comporta, assim, o “mundo das idéias”. Grosso modo, a mente seria habitada pelas representações que fazemos de nós mesmos e pelas representações que construímos do mundo.<sup>25</sup> O dinamismo da vida mental consiste nas associações afetivas que as representações fazem entre si, e nas reconfigurações estruturais que cada nova associação acarreta.

No artigo *A História do Movimento Psicanalítico* (1914), analisando a evolução dos estudos sobre o psiquismo, Freud subentende o conceito representacionista de mente que fundamenta a psicanálise da época:

“Investigaram [Jung e seus seguidores] em detalhes (como Pfister fizera antes deles) o caminho através do qual o material das idéias sexuais pertencentes ao complexo de família e à escolha de objeto incestuoso é utilizado na representação dos interesses éticos e religiosos mais elevados do homem, isto é, aclarando assim um importante exemplo de sublimação das forças eróticas pulsionais e de sua transformação em tendências que não podem mais ser chamadas de eróticas.” (grifos nossos)

Nesse contexto de uma estrutura mental de associações representacionais, pode acontecer (e sempre acontece!) de haver conflito entre seus interesses

---

<sup>25</sup> Sobre o universo das representações, devemos ponderar que elas não têm caráter estritamente simbólico, como pode parecer à primeira vista. Freud faz distinção entre as representações-coisa (ou representações-objeto), que são as imagens simbólicas dos objetos, e, as representações-palavra. Esta última abarca a apreensão não-reflexiva dos objetos. É o campo não-discursivo da representação, e o que lhe confere um *significado*. Fazendo um paralelo com a fenomenologia (citada em nota anterior), a representação-palavra abraçaria o campo do vivido. Assim, as representações são conjuntos de imagens sobre si e sobre o mundo carregadas de uma vivência significativa particular.

Um tema correlato é a diferenciação entre “representação” e “afeto”. No entanto, embora seja uma discussão profícua, não entraremos nesses pormenores metapsicológicos neste momento.

Os conceitos de “representação” e “idéia” também têm suas nuances, mas, neste trabalho, usamos os termos indistintamente. Para um estudo mais aprofundado sobre a teoria das representações e conceitos adjacentes, ver GARCIA-ROZA, 1995, pp.242-287. Para uma análise crítica sobre o tema, ver COSTA, 2004, pp. 25-87.

particulares. Daí, novas organizações das representações são necessárias, até que se encontre um “ponto de acordo” que traga mais satisfação pro sujeito. Essas “rearrumações mentais” são proporcionadas pelos mecanismos de defesa psíquica, que reprimem, deslocam, condensam e transformam as representações.

Dentre tais mecanismos de reestruturação das representações está a sublimação. Sendo que, a sublimação tem a peculiaridade de transformar os interesses das representações dissonantes, em interesses sociais e culturais. Desse modo, novas representações são criadas e associadas às representações primárias. Ou seja, criam-se novos interesses e novas associações representacionais. A mente cria novos arranjos entre as representações, de modo que o sujeito alivie as diferenças que há em si mesmo, e entre ele e o mundo.

Nas suas lições de psicanálise (1910), Freud esclarece a “missão” da terapêutica psicanalítica dos conflitos neuróticos:

“Uma vez restituído à atividade mental consciente aquilo que fora reprimido — e isso pressupõe que consideráveis resistências tenham sido desfeitas — o conflito psíquico que desse modo se originara e que o doente quis evitar, alcança, orientado pelo médico, uma solução mais feliz do que a oferecida pela repressão. Há várias dessas soluções para rematar satisfatoriamente conflito e neurose, as quais, em determinados casos, podem combinar-se entre si. Ou a personalidade do doente se convence de que repelira sem razão o desejo e consente em aceitá-lo total ou parcialmente, ou este mesmo desejo é dirigido para um alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama `sublimação' do desejo), ou, finalmente, reconhece como justa a repulsa. Nesta última hipótese o mecanismo da repressão, automático por isso mesmo insuficiente, é substituído por um julgamento de condenação com a ajuda das mais altas funções mentais do homem — o controle consciente do desejo é atingido.”

Este trecho mostra que o que está em jogo quando Freud lança suas teorias sobre criatividade sublimatória é a consideração de uma mente como um conjunto de representações que devem se harmonizar em favor do bem-estar do sujeito. A sublimação é um caminho privilegiado para a solução dos conflitos representacionais. Através da criatividade sublimatória, o pólo gravitacional dos interesses se desloca das afetações idiossincráticas para investimentos de bem-comum.

O eixo da discussão freudiana de criatividade, portanto, é formulado num conjunto teórico em que a mente é uma entidade habitada por representações. Assim, todas as atividades humanas são decorrências dos arranjos estruturais desse

“mundo das idéias”. Não seria diferente com as realizações criativas: são resultado de deslocamentos representacionais.

Vejamos como a criatividade muda de natureza quando é analisada com outra ênfase da vida mental.

### 3.1.2 Winnicott: a criatividade do “potencial de ação”

Winnicott se insere na terceira perspectiva dos estudos da relação corpo/mente (pp. 65, 66). Ele não analisa corpo e mente como duas entidades distintas, nem os julga como tendo naturezas estranhas.

Sua teorização gira em torno de um indivíduo que segue um desenvolvimento unitário e global: de uma indiferenciação biológica inicial, surgem a apercepção e a integração de um corpo, e a formação da mente. Ambos os processos – que desembocam na unidade corporal, e no estabelecimento de uma vida mental – são propriedades emergentes das transformações dos movimentos anatomofisiológicos em encontro com o mundo que lhe cerca.<sup>26</sup> Corpo e mente são duas experiências humanas – duas formas de registro de uma mesma realidade: a habitação do indivíduo no (seu) mundo.

Winnicott (1949) escreve sobre sua concepção da mente – uma propriedade processual cujo fim é a ação de levar o indivíduo a fundir-se ao mundo sem ônus, na sua abordagem “*Going On Being*” da vida:

“Vamos partir do princípio de que o desenvolvimento inicial do indivíduo implica num *continuar a ser*. O psicossoma inicial prossegue ao longo de uma certa linha de desenvolvimento, desde que esse *continuar a ser não seja perturbado*. Por outras palavras, para que ocorra o desenvolvimento saudável do psicossoma inicial é necessário um ambiente *perfeito*. (...) A necessidade de um ambiente bom, de início absoluta, torna-se rapidamente relativa. *A mãe devotada comum é suficientemente boa*. Se ela é *suficientemente boa*, o bebê virá a dar conta de suas falhas através da atividade mental. Isto se aplica não só à satisfação dos impulsos instintivos, mas igualmente a todos os tipos de necessidades primitivas do ego, incluindo até mesmo a necessidade de um cuidado negativo, ou de uma negligência ativa. Essa atividade mental do bebê transforma um ambiente *suficientemente bom* num ambiente perfeito, ou seja, transforma a falha relativa da adaptação num êxito adaptativo. (...) Uma das raízes da mente, portanto, é o funcionamento variável do psicossoma, sempre às voltas com as ameaças à continuidade do ser que acompanham cada falha da adaptação ambiental (ativa). (...) De acordo com esta teoria, portanto, em todo desenvolvimento individual a mente tem uma raiz, talvez sua raiz mais importante, na necessidade que o indivíduo tem, no cerne mesmo de

<sup>26</sup> Para uma revisão do processo de desenvolvimento da mente na perspectiva winnicottiana, ver capítulo 02, pp. 43-49.

seu eu, de um ambiente perfeito.” (In: *Da Pediatria à Psicanálise*, pp.334-335, grifos nossos).

Vemos neste trecho do artigo de Winnicott a intrinsecidade da relação eu-mundo em todo o processo vital do indivíduo. No início, o mundo era absolutamente adaptado às necessidades do bebê. Ali, as fantasias do mundo interno eram perfeitas, porque o mundo externo os completava. Quando o mundo externo começa a falhar na realização de um mundo interno perfeito, o bebê lança mão de um recurso que o faça: a mente. Com essa nova realidade, o bebê pode conhecer o mundo externo e aliar-se a ele, levando a realização de seus sonhos para ele, e trazendo dele novos elementos que façam os seus sonhos possíveis. Desse modo, “o mundo se torna, novamente, perfeito”.

Na perspectiva de um desenvolvimento humano global e unitário, Winnicott enfoca a categoria “mente” como um dispositivo de evolução do funcionamento do eu na relação com o ambiente. Tal conquista só acontece por meio da ação. À medida que o indivíduo se abre para uma relação genuína com o mundo, ele se enriquece com o atributo “mente”, que funciona como um espaço potencial de transição entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo.

A mente, desde o seu início, é uma propriedade do desenvolvimento da unidade psicossomática. A partir de um conjunto indiferenciado de movimentos corporais, a unidade biológica vai se integrando. A última (porém não definitiva e imutável) das características a serem conquistadas pelo impulso integrador é o adjetivo mental. É com ele que o indivíduo pode passar de uma *sensação* de “ser-eu”, para uma *vivência* de “ser-eu-com-o-mundo”. E, com essa *experiência*, tornar-se um ser integral.

O sucesso da integralização da unidade biológica primária em uma *pessoa total* só foi possível porque o dispositivo mental teve sua espontaneidade de ação assegurada. E sua ação nem é sobre os devaneios do mundo psíquico, nem sobre a crueza do mundo externo. A ação mental cria uma realidade intermediária entre esses dois mundos inicialmente díspares (do ponto de vista do indivíduo). A mente age como um impulso de apresentar o sujeito ao mundo, e colocá-lo em convivência com os outros “eus” que vão lhe levar ao fluxo inovador da vida cultural. A partir da ação mental no mundo, o indivíduo se mantém no processo contínuo de criar novas realidades internas, e novas realidades externas. Nesse espaço de ação unificadora

do “eu” e do “não-eu”, o indivíduo alcança seu *ser total*, e assim, a apercepção de valor da vida. E cada ato criativo do indivíduo é testemunho desse sentimento.

Há, no entanto, outro caminho para a formação da mente. Quando o ambiente não dá o suporte necessário às fantasias individuais, a mente surge como uma reação a essa falta. O mundo externo é apercebido como um *intruso* às fantasias. Desse modo, ao invés de a mente ser um espaço potencial de ação com o mundo, ela vem tentar suprir a ausência de parceria. A vida mental que deveria ser um fluxo inovador do indivíduo com a realidade externa, limita-se a proteger o mundo interno. Já que a cumplicidade com o mundo externo não foi *suficientemente boa*, a mente trata de dar conta da totalidade do indivíduo.

Essa hiperatividade da mente pode, em casos menos graves, fazer do indivíduo uma pessoa socialmente bem-sucedida, com suas realizações aplaudidas por todos<sup>27</sup>. A eficácia intelectual do indivíduo pode ser extraordinária. No entanto, existencialmente, esse indivíduo é fragmentado. Suas realizações no mundo não são fruto de um impulso espontâneo de viver o “eu mesmo” (*self*) e valorar a vida. A desenvoltura mental está dissociada do ser total do indivíduo. A mente, nesses casos, é uma “falsa entidade”<sup>28</sup> que comanda um sujeito fragmentado – “descolado” de sua corporeidade, e desvinculado do mundo externo. Sem a cumplicidade do mundo, o indivíduo é inabilitado para a experiência total de SER.

De qualquer modo, com parcerias bem ou mal estabelecidas, a mente é o recurso de ação do indivíduo sobre seu mundo.

Vemos assim, que a preocupação de Winnicott com a vida mental é diferente da tônica freudiana. Winnicott não foca as condensações e deslocamentos das representações sobre a vida, frente às suas dificuldades e prazeres. Para ele, a preciosidade da mente está no movimento primário de acolher, de resistir e de modificar o viver – ou seja, de *agir* sobre a vida (a solidificação das representações é um evento mental posterior). A capacidade de impulsionar o sujeito para “fora de si” e fusioná-lo ao mundo é o atributo áureo da vida mental.

<sup>27</sup> Em casos mais sérios, pode levar a psicoses graves. Nestes casos, o rompimento com a realidade externa é mais radical.

<sup>28</sup> “Entidade” porque vive *como se fosse* independente; e “falsa” porque, apesar de se fazer “comandante” da vida do indivíduo, a mente continua a ser dependente da experiência (de desamparo) corporal e de (solidão no) mundo. Apesar de sua hiperatividade se fazer necessária, a ação mental não rompe o conjunto psicossoma-mente-mundo. O que acontece é que a mente age “além” de suas “responsabilidades” - o mundo não veio ao encontro do psicossoma, então a mente “foi tentar buscá-lo”.

Em lugar de uma instância acumulativa de representações (que ora podem se “debater” entre si, e se “conciliarem” com atividades de escape), a mente winnicottiana enfatiza o fluxo somatório de experimentações. A realidade mental tem um início e uma soma de novos inícios, que nunca se conclui. Está em constante repaginação na ação de colorir o mundo (na medida em que este permite) com suas ilusões.

### 3.1.3 Freud e Winnicott: diferentes instrumentos de criatividade

Entendendo essas duas organizações da vida mental, podemos dizer que a criatividade freudiana enfatiza os caminhos da representação do desejo (no mundo), e Winnicott prioriza a plasticidade da ação no mundo.

No que diz respeito aos “desejos sombrios” do sujeito freudiano, eles podem passar por “desvios criativos” porque podem ser representados de duas maneiras: através do objeto real de desejo (que, no caso, é “censurado”), ou do objeto fantasiado. Um tipo de representação pode ser substituído por outro. Neste caso, outros investimentos menos “simbolizáveis” (que, diferentemente dos sexuais, não se submetem ao regime da fantasia – como os de autoconservação, por exemplo) não participam do exercício da vida criativa. Só o que se deixa representar é sublimável. Sendo a mente uma instância estruturadora dos investimentos dos representantes psíquicos, e sendo algumas demandas mais “exigentes” (as de autoconservação), e outras mais “voláteis” (as sexuais), o exercício criativo está em desviar estas últimas para interesses consonantes com as primeiras. Neste contexto a metáfora da criatividade como desvio faz todo sentido.

Quando se considera a ação como a categoria regente da vida mental, a criatividade muda de feição. Diferente do universo representacional, a ação possibilita um outro tipo de relação com o objeto (que não o substitutivo fantasioso): a criação de um objeto transicional. Esse novo objeto não é aquele que foi desejado primariamente (objeto subjetivo). O que acontece é que, na ação com o mundo, o sujeito encontra num objeto real as necessidades relacionais que outrora só obtinha na fantasia, e cria com ele, com suas resistências e aquiescências, uma realidade inovadora.

Na perspectiva do sujeito, podemos dizer que, quando uma criação vem dar conta de uma problemática idiossincrática, ela prepondera como uma reorganização

das representações conflitantes. É um retorno de si para si. Já quando o exercício criativo é marca de um impulso de parceria com o mundo, o sujeito aparece mais (inter)ativo com sua criação, e se favorece um exercício de co-transformação eu/mundo.

Além da diferenciação dos instrumentos de criação (representação/ ação), as teorias de Freud e Winnicott sustentam criatividades que propõem engajamentos “pulsionais” diversos. Freud nos faz pensar numa criatividade que vem *aplar os impulsos perturbadores da integridade* do sujeito. Winnicott mostra um movimento anterior à possibilidade de “perturbação” de um “eu-sujeito”. Ele caracteriza uma criatividade que *move o eu a um “ser-integral”*.

### 3.2 O corpo – a criatividade defensiva e a criatividade promotora

Diante de tantos estudos contemporâneos sobre corporeidade, vale salientar, antes de qualquer comentário sobre as “quotas corporais” participantes nos processos criativos, o que estamos chamando de corpo neste contexto.

O adjetivo “corporal” é colocado aqui de maneira bem simples. Concerne àqueles interesses fundamentais do humano, sem os quais a materialidade física definharia. Ao lado dessas necessidades mais primitivas do corpo, há outras de natureza simbólica, arraigadas no homem por sua vivência psico-sócio-cultural<sup>29</sup>.

É do interjogo dessas duas dimensões de impulsos e necessidades, de como elas se relacionam, que tratamos agora. A partir da concepção de mente com

---

<sup>29</sup> Entre as exigências meramente físicas do corpo e a dimensão simbólica há, como já citamos anteriormente, a inscrição de significações no corpo, o *campo do vivido*.

Esse é o campo em que o corpo é permeável ao mundo em que está inserido, e se deixa marcar por essa relação. Dessa abertura, o corpo adquire um conjunto de disposições e tendências materiais e emocionais que lhe conferem competência para a vida prática, segundo o estilo de vida do indivíduo. É um *modus operandi* que permite ao sujeito-corporal agir com naturalidade no meio social que lhe foi dado.

Portanto, essa é uma dimensão que nem é propriamente anatomofisiológica, nem é um registro do horizonte simbólico do indivíduo.

Para fins deste trabalho, no entanto, embora reconhecendo a especificidade epistemológica desse *know-how* corpóreo, simplificamos a discussão nas categorias “corporal” e “simbólico”. Assim, no que estamos chamando de “corpo”, incluímos essa inscrição corporal no mundo. A categoria corpo encerra o funcionamento anatomofisiológico do organismo, e sua inscrição praxiológica no meio em que vive.

Tal simplificação se justifica pelo caráter “silencioso” desse registro do mundo no corpo. Decerto, ele modula as disposições e necessidades materiais e emocionais do indivíduo, mas, ele mesmo não “exige” coisa alguma. E, já que estamos tratando do jogo das “exigências” entre o corporal e o simbólico, o campo a-reflexivo da vivência de mundo pode ficar suspenso, silencioso, na nossa definição de corpo.

Sobre essa dimensão a-reflexiva e moduladora da corporeidade, ver LEDER (1992), CROSSLEY (2001) e COSTA (2002).

que Freud e Winnicott desenvolvem seus pensamentos, o corporal participa de maneiras diferentes nos processos criativos.

Para Freud, a criatividade sublimatória é um subterfúgio psíquico para defender a integridade do sujeito. Para Winnicott, a criatividade é o próprio impulso promotor de integração.

### 3.2.1 Freud: a criatividade por defesa da integridade do sujeito

Sobretudo a partir da noção de narcisismo, Freud nos apresenta um ego que, a partir de um determinado ponto do desenvolvimento pulsional, passa a ser “disputado” pelos interesses de autoconservação e pelos investimentos fantasmáticos (sexuais). A manutenção da vida propriamente física e os desejos fantasmáticos do sujeito concorrem a “atenção” do ego. Isto é, a autoconservação (que antes do narcisismo já era chamada de pulsão do ego) vai ser somada com a sexualidade, que, ao investir o ego, se torna, por assim dizer, sua “propriedade”. O ego fica, então, com a função de conciliar dois grupos de pulsões: as necessárias à sobrevivência do sujeito, e as que investem narcisicamente na imagem do eu.

Em *Pulsões e Seus Destinos* (1915), Freud organiza uma teoria do desenvolvimento pulsional:

“[As pulsões sexuais] Logo que surgem, estão ligadas às pulsões da autopreservação, das quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do ego. Parte delas permanece associada às pulsões do ego pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente umas pelas outras, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais — isto é, capazes de ‘sublimação’.”

Desse ponto de vista, o funcionamento vital do organismo disputa energia psíquica com outros interesses (sexuais) do ego. A corporeidade, a partir de certo momento da organização pulsional, passa a concorrer com as fantasias. E a criação sublimatória aparece como uma defesa contra a contaminação da autoconservação pela sexualidade – já que os ímpetos pulsionais sexuais contrariariam a integridade do sujeito, essa energia é desviada para outros fins, de tal maneira que o sujeito

encontre uma satisfação “pacífica”. Ou seja, o aparato psíquico “rastrea” os impulsos ameaçadores do funcionamento basal do sujeito, os “desliga” da representação dissonante, e “capta” as energias dispersas, realocando-as em investimentos afins à manutenção do indivíduo. Assim, as necessidades físicas não são ameaçadas, e as pulsões sexuais (que têm maior mobilidade de interesses) criam um substituto empreendedor para suas representações fantasiosas.

“Pois, que motivo teria o homem para colocar as forças pulsionais sexuais a outros serviços se, com qualquer distribuição dessas forças, eles poderiam conseguir prazer completamente satisfatório? Não renunciariam nunca a esse prazer e jamais realizariam qualquer outro progresso. Parece, portanto, que a diferença irreconciliável entre as exigências das duas pulsões — a sexual e a egoísta — tornou os homens capazes de realizações cada vez melhores”. (Freud, 1912)

Assim, a criatividade aparece, nesses casos, para proteger a vida biológica. Sem cultura, sem arte, sem religião, sem prazer no trabalho, sem civilização, o imperativo das fantasias sexuais poderia vir a comprometer a integridade anatomofisiológica.

Esse resguardo das necessidades primordiais aparece na obra freudiana, primeiramente, como uma espécie de “sabedoria funcional” do próprio organismo que redireciona e reequilibra as moções pulsionais sexuais “excedentes” (Capítulo 01, pp. 22-30). Depois, quando a sublimação passa a ser uma prerrogativa do ego, o ego mesmo passa a defender a vida biológica material. A função do ego, entre outras, passa a ser a de defensor da integridade do corpo, sublimando a sexualidade perturbadora (Capítulo 01, pp. 31- 40).

Neste sentido, um trecho de uma análise de caso de Freud é particularmente expressivo:

“À parte esses fenômenos patológicos, pode-se dizer que, no presente caso, a religião atingiu todos os objetivos pelos quais é incluída na educação do indivíduo. Restringiu as impulsões sexuais do menino, propiciando-lhes uma sublimação e um ancoradouro seguro; diminuiu a importância das suas relações familiares e, desse modo, protegeu-o da ameaça do isolamento, dando-lhe acesso à grande comunidade humana. A criança indomada e cheia de medos tornou-se sociável, bem comportada e sensível à educação.” (*História de uma Neurose Infantil*, 1918)

Num eixo discursivo em que a materialidade corporal e as fantasias são realidades distintas, e que os interesses corporais disputam forças com os investimentos fantasmáticos (identificados na realidade mental), a criatividade sublimatória é um subterfúgio para que os interesses mais plásticos (a saber, as fantasias) assumam modos de satisfação que não rompam com a corporeidade. A realização criativa é um recurso psíquico para a coabitação saudável dos interesses do sujeito.

### 3.2.2 Winnicott: a criatividade pela ação de integrar o indivíduo

Diferente de Freud, a perspectiva winnicottiana mostra um tipo de criatividade que engaja os impulsos do sujeito num único espiralar de (auto)criação. E essa criatividade não é apenas de realizações externas, no mundo objetivo, ou de fantasias individuais, no mundo subjetivo, ou no espaço transicional. Antes de tudo, antes de haver quaisquer dessas experiências criativas de um EU, há a criação de *um corpo*<sup>30</sup>. Assim como a experiência de ser-eu não é inata, a experiência de ser-corpo também não o é.

Os movimentos indiferenciados da “unidade biológica recém-chegada ao mundo” precisam ser unificados e identificados por ela como uma “unidade coesa”. Desse modo, a primeira conquista criativa do bebê é *ser um corpo*.

Falando sobre o processo de estabelecimento do *status* de unidade do *self*, Winnicott (1990) desenvolve o argumento:

“Estou descrevendo agora o estágio de desenvolvimento em que o bebê se torna uma unidade, passando a ser capaz de sentir o *self* (e portanto os outros) como um inteiro, uma coisa com membrana limitadora, e dotado de um interior e um exterior. Isto, como afirmei anteriormente, responde pela totalidade do desenvolvimento que conduz até este sentimento de ser um. (...) [Exemplo alusivo ao processo de habitar um corpo:] Digamos que uma criança estivesse enchendo um papel de rabiscos, num movimento de vaivém, e passeasse com o lápis sobre o papel de um lugar a outro, escapando às vezes para fora do papel, por falta de controle; em algum momento, surge algo novo, uma linha acaba por juntar-se com o seu início, formando um círculo um tanto impreciso. A criança aponta e diz: ‘pato’, ou mesmo ‘Pedrinho’ ou ‘Joana’. O diagrama de que precisamos é, de fato, a noção que a criança tem do *self*, uma esfera (...) A criança alcança gradualmente a posição que estou agora examinando.” (pp. 87,88).

<sup>30</sup> Embora o corpo do bebê exista, *materialmente*, desde seu nascimento, a *vivência* de habitar um “corpo” é adquirida.

E, seguindo a perspectiva de um desenvolvimento global do indivíduo, o mesmo impulso que leva o bebê a *ser corpo*, o leva às etapas posteriores de *ser uma pessoa total*:

“Caracteristicamente, neste estágio ocorre um progresso nos seguintes termos: Surge a idéia de uma membrana limitadora, e daí segue-se a idéia de um interior e um exterior. Em seguida desenvolve-se a idéia de um EU e de um não-EU. Existem agora conteúdos do EU que dependem em parte de experiências instintivas. Desenvolve-se a possibilidade de um sentimento de responsabilidade pela experiência instintiva e pelos conteúdos do EU, e um sentimento de independência em relação ao que está fora. Surge um sentido para o termo ‘relacionamento’, indicando algo que ocorre entre pessoas, o EU e os objetos. A consequência é o reconhecimento de que há algo equivalente ao EU na mãe, o que implica em senti-la como uma pessoa.” (*ibid.*, p.88)

Derivando-se da unidade corporal estabelecida (e engajada nessa primeira realidade), o fluxo da vida vai levando o bebê a uma apercepção de eu (ou seja, de ser uma *pessoa*), a uma apercepção do não-eu (ou seja, de existirem *outras pessoas*), e à criação de um espaço de coexistência nesses dois mundos.

O equivalente winnicottiano da autoconservação freudiana é, portanto, a agressividade nas origens – essa energia indiferenciada e não-direcionada que leva o sujeito a agir, encontrar acolhidas e resistências, e ir se (re)arrumando na interação com os objetos do mundo. Essa agressividade criadora nem ameaça a integridade física do sujeito, nem retira dele o investimento em si mesmo ou no mundo. Pelo contrário. Esse impulso primário é a própria fonte da criatividade, que integra num só movimento de vida todos os interesses do sujeito.

A ação é responsável por um tipo de criatividade que engaja a “autoconservação” no movimento inovador da realidade. É com esse fluxo contínuo de ação que o sujeito se cria como indivíduo psicossoma-mente-mundo, e cria um mundo que lhe apraz.

Se uma criação vier a ser uma ação isolada, seja do psicossoma ou da mente, esse ímpeto de realização não tem o engajamento do SER. Ao invés de ser uma expressão espontânea do “eu sou, eu estou vivo, eu sou eu mesmo”, é uma busca desse sentimento de integração:

“O eu(*self*) realmente não pode ser encontrado no que é construído com produtos do corpo ou da mente, por valiosas que essas construções possam ser em termos de beleza, perícia e impacto. Se o artista através de

qualquer forma de expressão está buscando o eu (*self*), então pode-se dizer que, com toda probabilidade, já existe um certo fracasso para esse artista no campo do viver geral criativo. A criação acabada nunca remedia a falta subjacente do sentimento do eu (*self*). (Winnicott, 1971, p.81)

A criatividade, em condições saudáveis, segue o fluxo do desenvolvimento global do indivíduo. A ação criativa engaja todo o “ser” do indivíduo no movimento de conjugar-se com o mundo. A criatividade genuína é o triunfo da experiência sagrada e misteriosa de encontrar-se SENDO-corpo, SENDO-mente e SENDO-mundo.

Seguindo esse raciocínio, a agressividade motora primária pode ser criativa, ao contrário da autoconservação freudiana. O modelo freudiano de criatividade requer uma quota de investimento pulsional exclusiva para o resguardo da integridade anatomofisiológica, e um segundo montante para os empreendimentos fantasmáticos do sujeito. Isso, com o risco adicional desses últimos prejudicarem o suprimento primário. A energia da autoconservação, como função isolada do organismo, segue a lógica do tudo ou nada. Não se podem metaforizar necessidades físicas em representações simbólicas – fome não pode ser sublimada: ou comemos, ou morremos! Já a outra gama de interesses, mais idiossincrática, pode ter seus afetos e representações desviadas para satisfações que não sejam contrárias à autoconservação. Daí se faz a diferenciação das necessidades mais corporais – e mais imperativas – e as necessidades idiossincráticas, que podem ser manejadas de modo a não se contrapor à integridade física.

Ao contrário dessa função restrita da autoconservação, a agressividade primária winnicottiana pode ser criativa, porque ela não é responsável, apenas, pela sobrevivência do organismo individual. O impulso agressivo genuíno é responsável pela vida do organismo em sua função relacional com o mundo. Ele não se apresenta contrário ou a favor de nenhum aspecto isolado do sujeito. O impulso agressivo que “empurra” o sujeito para a relação com o mundo, o favorece para uma (re)criação de si como um todo – desde suas expressões e necessidades mais materiais, como as mais subjetivas. A vida do sujeito está posta em relação, e isso gera um movimento criativo, ancorado no corpo, e diversificando suas relações ao infinito, dada a plasticidade dos fenômenos e objetos transicionais que o ligam ao mundo.

Diante das diferenciações dos enredos conceituais de Freud e Winnicott, entendemos melhor seus horizontes metafóricos:

Freud – uma criatividade por desvio das idéias fantasiosas da mente para realizações sociais, que tenham um simbolismo afim às fantasias originárias, ou que tragam consolo à desolação da existência em um mundo repressor. Tal redirecionamento dos representantes fantasmáticos para sublimações criativas resguarda a integridade do sujeito de uma exacerbação dos impulsos fantasiosos. Criar é viver a satisfação possível das fantasias, apesar das limitações do corpo, das exigências do eu e do mundo opressor.

Winnicott – uma criatividade pelo impulso inerente de ação do organismo. Neste fluxo de ação, as realidades aperceptivas de SER EU MESMO vão evoluindo e se adicionando umas às outras: SER-corpo, SER-mente e SER-mundo. A ação criativa no mundo é expressão da parceria identitária do indivíduo com o mundo. Criar é fazer uma parte de si no mundo; é experimentar o mundo como sendo EU, e, alternativamente, não-EU.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo discutimos algumas possibilidades de entendimento do mover criativo no mundo. Diante de uma clínica que aponta a falta de vigor no viver como sofrimento principal dos indivíduos, e de uma sociedade engessada em ideais imagéticos, questionamos o lugar que a “participação” e a “inovação” no mundo ocupam na vida psíquica do homem.

“Passeando” pelas teorias de Freud e Winnicott, destacamos metáforas que nos oferecem diferentes campos de significação para a realização criativa no mundo: a criatividade como máscara de um outro interesse, como consolo diante do desalento existencial, e como uma experiência de cumplicidade com o mundo.

Vimos também como cada teoria comporta um universo de prioridades sobre determinado fenômeno (no caso, a criatividade). Cada perspectiva teórica tem seu enredo de crenças, preceitos filosóficos, demandas clínicas, atmosfera sociocultural do autor etc. Enfim, a maneira como cada teórico observa um fenômeno depende do arcabouço teórico-vivencial em que está embebido, e não propriamente da “fidedignidade” de suas observações do homem.

Dessa forma, a exposição das teorias de Freud e Winnicott sobre o campo criativo do viver não almejou a um debate conceitual, a uma superação teórica, ou a uma síntese conclusiva sobre o tema. Nem os universos discursivos são equiparáveis, nem os pressupostos teóricos são redutíveis um ao outro. A pluralidade epistemológica não nos permite abreviar as formulações dos autores num constructo único e coeso. Pelo contrário, multiplicamos as formas de conceber “a mente” e “o corpo” que se engajam nos movimentos criativos.

Portanto, a sistematização dos universos metafóricos dos autores sobre a criatividade não tem a ousadia de cerrar uma conclusão. Reservamo-nos ao intento de diversificar as ferramentas de compreensão do conceito e, assim, promover maior versatilidade no acolhimento clínico desse fenômeno (ou da ausência dele). Dispondo de jogos lingüísticos variados sobre a criatividade, podemos oferecê-los de modo mais adequado a cada situação específica, e proporcionar a quem nos procura uma rede metafórica que lhe amplie os horizontes de vida.

É esta a proposta fundamental deste trabalho: ampliação – e não, encerramento. Ao fazer esta pesquisa levamos adiante o desafio de Winnicott de não nos abrigarmos em conceituações consolidadas (1971, p.137). Os pensamentos

(e magníficos pensamentos!) de outrem nos servem de base. Mas não devem ser tomados como modelos exclusivos, ou como expressões da Verdade. Se assim for, a ferramenta conceitual se torna uma prisão, ou servidão, teórica. As vidas não cabem em teorias. Uma organização teórica sobre o “Homem” não presume um espelho dos homens. Como diz Geertz: “*O Homem não faz aniversário. Os homens, sim.*”<sup>31</sup>. O “viver a humanidade”, encarnado num corpo, num tempo, e num espaço, extrapola qualquer conceito geral pré-estabelecido.

Portanto não devemos deixar de perguntar: “*sobre o que versa a vida?*”. Porque esta – a vida – está sempre se renovando, apresentando outros arranjos, e recitando novos versos. Se engessarmos as intervenções terapêuticas em imagens teóricas, estreitamos também os horizontes metafóricos da existência individual. E, assim, acabamos por reproduzir o que, talvez, seja o cerne da carência existencial na atualidade: a precariedade criativa.

Assim, uma revisão teórica com intuito conclusivo não nos traria grandes avanços. O campo das realizações criativas do homem no mundo teve, neste trabalho, apenas uma pequena amostra de sua complexidade metafórica. Outros tantos autores, como Adler, Ferenczi e Lacan, por exemplo, podem enriquecer ainda mais nosso universo semântico sobre o tema. Aliás, tal estudo pode receber preciosas contribuições se for alargado para além da psicanálise, sobretudo para a literatura e a filosofia...

Um outro desdobramento deste trabalho diz respeito à sua aplicabilidade. Esse estudo, multiplicador de ferramentas para lidar com a problemática da criatividade, suscita reflexões sobre suas conseqüências clínicas. Providos de um leque de possibilidades interventivas, devemos ainda exercitar a sensibilidade de qual dos horizontes semânticos oferecer àquele indivíduo que nos pede ajuda, em sua situação específica. A maneira como o uso de um determinado campo metafórico, num dado momento, pode ampliar ou aprisionar a inventividade individual é mais um desenvolvimento necessário.

Enfim, deixamos como proposta final que exercitemos o próprio tema deste trabalho: a criatividade. Neste caso, a partir da vitalização teórica constante. Diante do que o mundo intelectual já dispõe, criemos maneiras inovadoras de lidar com as

---

<sup>31</sup> GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1973.

realidades que se nos apresentam. Se é de engessamento criativo do que os indivíduos sofrem, o espaço psicoterapêutico deve oferecer-lhes revigoração no viver com o mundo (e não um novo aprisionamento, dessa vez na teoria do terapeuta). Afinal, se há algo de comum entre as teorias sobre esse espaço de realizações transformadoras do mundo, é que ele é fonte de grande satisfação!

## REFERÊNCIAS

- ABRAM, Jan. *A Linguagem de Winnicott – Dicionário das palavras e expressões utilizadas por D.W. Winnicott*. Revinter. Rio de Janeiro, 2000.
- BIRMAN, Joel. *Por uma Estilística da Existência*. Editora 34. São Paulo, 1996. pp. 23-51.
- BUTTERWORTH, George. An Ecological Perspective on the Origins of the Self. In: BERMUDEZ, José Luis, MARCEL, Anthony e EILAN, Naomi (orgs.) *The Body and the Self*. MIT Press. Cambridge, Massachusetts, 1998.
- CAVALCANTI, Ana Elisabete e ROCHA, Paulina. Na contramão da Metapsicologia Freudiana. In: *Autismo – Clínica Psicanalítica*. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2001.
- BARBOSA, Mariana de Toledo. *A Criatividade na Obra de Winnicott*. Monografia do Curso de Graduação em Psicologia. CFCH/UFRJ. Novembro, 2004.
- BEZERRA JR., Benilton. Descentramento e Sujeito – versões da revolução copernicana de Freud. In: COSTA, Jurandir Freire (org.) *Redescrições da Psicanálise – ensaios pragmáticos*. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 1994.
- BERLINCK, Manoel Tosta. *Considerações sobre a elaboração de um projeto de pesquisa em psicanálise*. PUC, São Paulo. (mimeo)
- COSTA, Jurandir Freire. Criatividade, Transgressão e Ética. In: PLASTINO, Carlos Alberto (org.) *Transgressões*. Ed. Contra Capa. Rio de Janeiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O Vestígio e a Aura – corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Garamond. Rio de Janeiro, 2004.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: KEHL, Maria Rita (org.) *Função Fraternal*. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2000.
- CROSSLEY, Nick. *The Social Body. Habit, Identity and Desire*. Londres: SAGE, 2001. [Capítulos 5, 6 e 7]
- ELKAIM, Momy e STENGERS, Isabelle. *Do Casamento dos Heterogêneos*. Boletim de Novidades Pulsional. Ano VII, número 63, julho, 1994.
- FERRAZ, Carlos Henrique. *Narcisismo e Sexualidade – um estudo da teoria freudiana dos móveis da ação*. Tese (doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social – UERJ. Rio de Janeiro, 2002.
- FONAGY, Peter e TARGET, Mary. Brincando com a Realidade – I. Teoria da mente e o desenvolvimento normal da realidade psíquica. Revista A Escuta, A Transferência e O Brincar. IJPA. Vol XII. Editora Escuta, São Paulo, 1996.
- FREUD, Sigmund.[1909] Cinco Lições de Psicanálise. In: *Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica*. Vol 11, 1910.

FONAGY, Peter e TARGET, Mary [1914] História de uma Neurose Infantil. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 17, 1918.

\_\_\_\_\_ [1922] Dois Verbetes de Enciclopédia. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 18, 1923.

\_\_\_\_\_ [1927] Dostoievsky e o Parricídio In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 21, 1928.

\_\_\_\_\_ [1932a] Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise – Dissecção da Personalidade Psíquica. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 22, 1933.

\_\_\_\_\_ [1932b] Nuevas Lecciones Introdutorias al Psicoanálisis – La Angustia y la vida instintiva. In: Sigmund Freud – Obras Completas. Tomo III. Biblioteca Nueva. Madrid.

\_\_\_\_\_ [1938] Esboço de Psicanálise. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 22, 1940.

\_\_\_\_\_ [1901] Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 07, 1905.

\_\_\_\_\_ [1905 ou 1906] Personagens Psicopáticos no Palco. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 07, 1942.

\_\_\_\_\_ [1906] Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 09, 1907.

\_\_\_\_\_ [1907] Escritores Criativos e Devaneios. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 09, 1908.

\_\_\_\_\_ [1911] Sobre a Psicanálise. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 12, 1913.

\_\_\_\_\_ [1915] Sobre a Transitoriedade,. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica Vol 14, 1916.

\_\_\_\_\_ [1916-1917] Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 2, 1917.

\_\_\_\_\_ A História do Movimento Psicanalítico. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 14, 1914.

\_\_\_\_\_ Além do Princípio do Prazer. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 18, 1920 (parte 05)

\_\_\_\_\_ Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 18, 1922.

FONAGY, Peter e TARGET, Mary. Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 14, 1916-1917.

\_\_\_\_\_ Bate-se numa Criança – Uma Contribuição ao Estudo das Origens das Perversões Sexuais. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 17, 1919.

\_\_\_\_\_ Caráter e Erotismo Anal. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 09, 1908.

\_\_\_\_\_ Conferência XXII: Algumas Idéias Sobre Desenvolvimento e Regressão – Etiologia. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 16, 1916-1917.

\_\_\_\_\_ Introdução ao Narcisismo. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 14, 1914.

\_\_\_\_\_ Introducció al Narcisismo. In: Sigmund Freud – Obras Completas. Amorrortu Editores. Buenos Aires. Vol XIV, 1914.

\_\_\_\_\_ Leonardo da Vinci. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 11, 1910.

\_\_\_\_\_ Mal-estar na Cultura. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 21, 1930.

\_\_\_\_\_ Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 09, 1908.

\_\_\_\_\_ Notas Sobre um Caso de uma Neurose Obsessiva. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 10, 1909.

\_\_\_\_\_ O Ego e o Id. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 19, 1923.

\_\_\_\_\_ O Estranho. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 17, 1919.

\_\_\_\_\_ O Futuro de uma Ilusão. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 21, 1927.

\_\_\_\_\_ O Interesse Científico da Psicanálise. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 13, 1913.

\_\_\_\_\_ Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 08, 1905.

\_\_\_\_\_ Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 17, 1921.

FONAGY, Peter e TARGET, Mary. Pulsão e seus Destinos. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 14, 1915.

\_\_\_\_\_. Pulsiones y Destinos de Pulsiones. In: Sigmund Freud – Obras completas. Amorrortu Editores. Buenos Aires. Vol. XIV, 1915.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 12, 1912.

\_\_\_\_\_. Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 11, 1912.

\_\_\_\_\_. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: Obras Completas de Freud – Edição Eletrônica. Vol 07, 1905.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Acaso e Repetição em Psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Introdução à Metapsicologia Freudiana 3 – Artigos de Metapsicologia. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1995.

GOMES, Gilberto. Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. Psicología: Teoria e Pesquisa, Vol 17, n.03, set-dez 2001.

GURFINKEL, Decio. Fé Perceptiva e Experiência de Realidade. Revista Natureza Humana, jan-jun 2001. Vol 03, no. 01. Educ, São Paulo. pp. 141-173.

HJULMAND, Knud. Lista Completa das Publicações de D.W.Winnicott. Revista Natureza Humana, 1999. Vol I, no.02, Educ, São Paulo. pp.459-517.

HONIGSZTEJN, Henrique. Interface Psicanálise-cultura. Revista Ciência e Cultura, Oct./Dec. 2004, Vol 56, no.04, pp.32-36.

IZHAKI, Fânia Goltsman. Transformações de Si: uma leitura dos escritos de Winnicott priorizando processos e relações. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social – UERJ. Rio de Janeiro, 2005.

KHAN, Masud. Introdução. In: WINNICOTT, D.W. Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas. Imago. Rio de Janeiro, 2000.

KLAUTAU, Perla e SOUZA, Octavio. Diálogos entre Winnicott e Lacan: do conceito de objeto ao manejo clínico da experiência de sofrimento. Revista Pulsional, número 164/165.

KUPERMANN, Daniel. Ousar Rir – Humor, criação e psicanálise. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003. Capítulos 02 e 03, pp. 37-216.

\_\_\_\_\_. Resistência no Encontro Afetivo e Criação na Experiência Clínica. In: KUPERMANN, D., MACIEL, A., e TEDESCO, S. (orgs.) Polifonias. Clínica, política e criação. Contra Capa. Rio de Janeiro, 2006.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes. São Paulo, 2000.

LEDER, Drew. A Tale of Two Bodies: the Cartesian Corpse and the Lived Body, In: LEDER, Drew (org.) The Body in Medical Thought and Practice. Kluwer Academic Publishers. Dordrecht, Boston e Londres, 1992.

LEJARRAGA, Ana Lila. Freud e Winnicott: do apaixonamento à capacidade de amar. Pulsional – Revista de Psicanálise nº 164/165.

LOPARIC, Zeljko. Trieb na Psicanálise e na Filosofia. In: MACHADO, Jorge Antônio Torres. Filosofia e Psicanálise – um diálogo. Edipucrs. Porto Alegre, 1999.

LUZ, Rogério. Uma Breve Menção de Winnicott a Leonardo da Vinci. Revista Natureza Humana, n.04, jul-dez 2002, pp. 293-314.

MACIEL, Maria Regina. Depressão e Criatividade na Contemporaneidade – um estudo a partir de Freud e Winnicott. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social -UERJ. Rio de Janeiro, 2003.

MINAYO, C. (org) Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade. Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 1994.

MONZANI, Luiz Roberto. Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico: balanço e perspectivas. In: PRADO JR., Bento.(org.) Filosofia da Psicanálise. Editora Brasiliense. São Paulo, 1991.

NEWMAN, Alexander. As Idéias de D.W. Winnicott – um guia. Imago. Rio de Janeiro, 2003.

PHILLIPS, Adam. Winnicott. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts, 1988.

PORTER, Roy. História do Corpo. In: BURKE, Peter (org.) A Escrita na História, Novas Perspectivas. Editora UNESP, São Paulo, 1992.  
Revista Viver Mente & Cérebro – Coleção Memória da Psicanálise. Número 05 – Winnicott: Os sentidos da Realidade. Ed. Duetto.

RICOUER, Paul. O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica. Imago. Rio de Janeiro, 1978. pp.137-150.

SEGAL, Hanna. Sonho, Fantasia e Arte. Imago. Rio de Janeiro, 1993. Cap.06.

SOARES NETO, José Fernando Pontes. A Saúde Modificada: criatividade, espontaneidade e satisfação na experiência corporal contemporânea. Tese de doutorado. Instituto de Medicina Social – UERJ. Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, Octavio. Aspectos do Encaminhamento da Questão da Cientificidade da Psicanálise no Movimento Psicanalítico. In: PACHECO FILHO,A., DEBIEUX

ROSA, M. e COELHO JUNIOR, N. (orgs.) Ciência, Representação e Realidade na Psicanálise Contemporânea. Educ, Casa do Psicólogo. São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Trauma, defesa e criatividade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 35, p. 115-135, 2003.

WINNICOTT, Donald Wood. (1945) Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: WINNICOTT, D.W. Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas. Imago. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. (1949) A Mente e sua Relação com o Psicossoma. In: WINNICOTT, D.W. Da Pediatria à Psicanálise – Obras Escolhidas. Imago. Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. (1988) Natureza Humana. Imago. Rio de Janeiro, 1990.

\_\_\_\_\_. O Ambiente e os Processos de Maturação. Parte I – Estudos sobre o desenvolvimento. pp. 19-87. Artmed. Porto Alegre, 1983.

\_\_\_\_\_. (1971) O Brincar & A Realidade. Imago. Rio de Janeiro, 1975.

\_\_\_\_\_. (1967) O Conceito de Indivíduo Saudável. In: Tudo Começa em Casa. Martins Fontes. São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Os Bebês e Suas Mães. Martins Fontes. São Paulo, 1988. Capítulo 01.

\_\_\_\_\_. A Família e o Desenvolvimento Individual. Martins Fontes. São Paulo, 2001. Capítulos 01 e 02.

\_\_\_\_\_. (1970) Sobre as Bases para o Self no Corpo. In: WINNICOTT, D.W. Explorações Psicanalíticas. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.